

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Edmilson Ribeiro

**O *BLOG* COMO RECURSO DIDÁTICO
NA DISCIPLINA DE TEORIA GERAL DA ADMINISTRAÇÃO:
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

**Sorocaba/SP
2013**

Edmilson Ribeiro

**O *BLOG* COMO RECURSO DIDÁTICO
NA DISCIPLINA DE TEORIA GERAL DA ADMINISTRAÇÃO:
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes

**Sorocaba/SP
2013**

Edmilson Ribeiro

**O *BLOG* COMO RECURSO DIDÁTICO
NA DISCIPLINA DE TEORIA GERAL DA ADMINISTRAÇÃO:
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

Dissertação aprovada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre no
Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: 27/ 11/ 2013

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Wilson Sandano

Universidade de Sorocaba

Prof. Dr. Leandro Petarnella
Universidade Nove de Julho

Prof^a. Dr^a. Eliete Jussara Nogueira
Universidade de Sorocaba

Ficha Catalográfica

Ribeiro, Edmilson

_____ O blog como recurso didático na disciplina de teoria geral da administração: relato de uma experiência / Edmilson Ribeiro. -- 2013. 94 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2013.

1. Blog. 2. Cibercultura. 3. Educação. 4. Multiletramentos. 5. Tecnologia da informação e comunicação.

Gomes, Luiz Fernando, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

Para Dalva e Ágata...

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a todos e todas que colaboraram com minha formação pessoal, intelectual e profissional.

Agradeço, de maneira especial a Deus pelo dom da vida, pela saúde, pela capacitação e pelas oportunidades que me concedeu;

À Dalva, pela superação de sentimentos e incentivo dedicados no decorrer deste desafio;

À minha filha Ágata, amor incondicional, pela compreensão e carinho dedicados no transcurso deste estudo;

Aos meus pais (*in memoriam*), Ovidio e Narcisa, pelo amor e orientação recebidos, a quem devo a formação de minha personalidade e caráter, a credibilidade e o apoio em todos os meus empreendimentos;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes, pela confiança, pela compreensão, pelo rigor e pelas preciosas contribuições para a elaboração deste trabalho;

Às Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia e Prof^a. Dr^a. Eliete Jussara Nogueira, pelo apoio entusiástico.

Agradeço também aos amigos de jornada: Fabiana Cristina, Fernanda Maísa, Gilberto Camargo, Joseli Vergara, Sandra Ferraz, Silvana Gabaldo entre tantos outros.

A todos, muito obrigado!

Escolas que são asas não amam
pássaros engaiolados.
O que elas amam são pássaros em voo.
Existem para dar aos pássaros coragem
para voar.
Ensinar o voo, isso elas não podem fazer,
porque o voo já nasce dentro dos
pássaros. O voo não pode ser ensinado.
Só pode ser encorajado.
(Rubem Alves)

RESUMO

Diante das mudanças ocorridas na sociedade contemporânea com a presença das novas tecnologias da informação e comunicação, o tema para esta dissertação discute a relação entre as tecnologias e a educação e escolheu como possibilidade de recurso didático o uso do blog no ensino superior e em específico na disciplina de Teoria Geral da Administração, em uma faculdade particular. Teve-se como hipótese que a utilização do blog como um recurso didático, permite a interatividade dos participantes além do espaço físico da sala de aula, ou seja, para o ambiente virtual, e o aluno estaria assim mais envolvido com o conteúdo disciplinar. Para estudar o *blog* como recurso didático, foi realizada uma experiência, desenvolvida com 49 alunos do curso de Administração e foram criados dois blogs, organizados pelo professor da disciplina de Teoria Geral da Administração e disponibilizados aos alunos. Durante o período de dois semestres (2012-2013), as informações postadas pelos alunos, foram registradas e analisadas. De modo geral os alunos se envolveram, postando imagens e textos criados coletivamente, assim como conversavam sobre as postagens com conteúdos da disciplina. Foi possível verificar que o conteúdo não ficou restrito ao período de sala de aula, mas foi ao cotidiano dos alunos por meio da tecnologia. As análises também apontaram para a necessidade da mediação do professor, como motivador para a participação no blog, e para tanto compreender as linguagens envolvidas no recurso do blog se fez importante para a dinâmica desse espaço de hipertextos.

Palavras-chave: Blog. Cibercultura. Educação. Multiletramentos. Tecnologias da informação e comunicação.

ABSTRACT

Given the changes in contemporary society with the presence of new information technologies and communication , the theme for this dissertation discusses the relationship between technology and education as possible and chose teaching resource using the blog in higher education and specifically in the discipline General Theory of Administration , in a private college . Had been hypothesized that using the blog as a teaching tool , allows interactivity of participants beyond the physical space of the classroom , or to the virtual environment , and the student would thus be more involved with the disciplinary content . To study the blog as a teaching resource , we conducted an experiment, conducted with 49 students of Directors and have created two blogs , organized by the teachers of the General Theory of Administration and made available to students . During the two semesters (2012-2013) , the information posted by students were recorded and analyzed . Generally students were involved , posting images and texts created collectively , as well as talking about the posts with subject contents . It was possible to verify that the content was not restricted to the period of the classroom , but it was the students' everyday lives through technology . The analysis also pointed to the need for mediation of the teacher as a motivator for participation in the blog , and understand both languages involved in the appeal of the blog became important for the dynamics of this space hypertext.

Keywords : Blog . Cyberculture . Education . Multiliteracies . Information technology and communication.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - O uso dos hipertextos	27
Figura 2. A contracultura na internet	34
Figura 3 - Integração das tecnologias	51
Figura 4 - Utilização das redes sociais como pratica colaborativa de construção de conhecimento	55
Tabela 1 - Tipos de links: lineares e não lineares	64
Figura 5 - <i>Blog</i> "Eu nesse mundo azul"	70
Figura 6 - Vista da parte inferior do sitio do <i>blog</i> "Eu nesse mundo azul"	71
Figura 7 - <i>Blog</i> "Tenho por hipótese"	73
Figura 8 - Parte inferior da página do blog "Tenho por hipótese"	73
Figura 5 - <i>Blog</i> "Eu nesse mundo azul"	70
Gráfico 1 - Composição por gêneros do grupo psquisado	75
Gráfico 2 - Faixa etária / gêneros	75
Gráfico 3 - Visitas dos blogs pelos alunos	75
Figura 9 - Quadro de seguidores do blog	77
Figura 10 - Seguidores do <i>blog</i>	75
Figura 11 - O início está perto	76
Figura 12 - Perguntas e respostas	79
Figura 13 - Trabalhadores suicidas	78
Figura 14 - Rapper empresário	79
Figura 15 - Diferença entre chefe e líder	79
Figura 16 - Jean Paul Sartre	80
Figura 17 - Fotografias	81
Figura 18 - Visão geral do blog	82
Figura 19 - Estatística de visualizações no blog "B"	82

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O MUNDO CONTEMPORÂNEO E TECNOLÓGICO	15
3 ENSINO SUPERIOR E AS NTICS	30
3.1 Apropriação (e subversão) tecnológica pelos alunos	31
3.2 Trabalho docente (com as tecnologias).....	37
3.3 Formação do professor para o uso das tecnologias	47
3.4 <i>Blog</i> – conceitos e origens	51
3.5 A utilização do <i>blog</i> como prática pedagógica	59
3.6 O curso de Administração e a Teoria Geral da Administração	65
4 O BLOG COMO RECURSO DIDÁTICO NA DISCIPLINA DE T. G. A.	67
4.1 <i>Blogs</i> construídos: “blog A” e “blog B”	69
4.1.1 Blog “A”: Eu nesse mundo azul	70
4.1.2 Blog “B”: Tenho por hipótese.....	71
4.2 Descrição dos alunos e <i>lócus</i>	72
4.3 Relato de experiência num curso de Administração	74
4.3.1 Procedimento de inserção dos <i>blogs</i> na disciplina de T. G. A.....	Erro! Indicador não definido.
4.4 Análise.....	76
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	85
APÊNDICE A – RELAÇÃO DAS NOTAS BIMESTRAIS DOS ALUNOS DO 1ºSEMESTRE DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO	92
APÊNDICE B - RELATO DOS ALUNOS SOBRE O USO DOS BLOGS (05/MAI/2013).....	93

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, as novas tecnologias da informação e comunicação reconfiguram a rede. Segundo Castells (1999) a sociedade em rede surgiu com o desenvolvimento das novas tecnologias da informação (NTICs) que, no processo, "agruparam-se em torno de redes de empresas, organizações e instituições para formar um novo paradigma sociotécnico." (p. 77). No ambiente universitário, caracterizado por equipamentos digitais, pela comunicação *online*, por alunos multitarefas, portadores de equipamentos digitais, conectados a uma rede, com a ampliação da educação a distância, entre outras características, tem requerido do professor novas posturas e práticas pedagógicas, no espaço físico da sala de aula que ampliou-se para o *ciberespaço*.

Entretanto, mesmo inseridos num mundo digital, alguns professores ainda usam retroprojetores e lousa como instrumento didático. O espaço da aula transfigure-se num ambiente com pouco estímulo ao uso de alguns aparelhos de mobilidade digital para contribuir com o processo de ensino e aprendizagem - *notebooks, tablets e smartphones*.

Nesse cenário, o conhecimento sobre o uso dessa tecnologia, pode criar outras maneiras de propor atividades de ensino, não estamos apenas melhorando o que existe, mas sim transformando o ambiente. As novas tecnologias na educação podem ampliar a interação do professor com o aluno no processo de ensino / aprendizagem.

As Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) - são conjuntos de ferramentas, processos e metodologias (como a codificação / programação, comunicação, conversão, armazenamento e recuperação de dados) associados às telecomunicações, equipamentos e programas – *hardware e softwares*. O uso dessas novas tecnologias pelo professor como práticas pedagógicas, requer uma articulação entre a comunicação interativa e a educação. Para Silva (2010, p. 83), “[...] comunicar não é simplesmente transmitir, mas disponibilizar múltiplas possibilidades ao interlocutor.”

Novos desafios digitais se apresentam ao professor: a imagem fluída e aberta, desprovida de essência estável, supõe uma nova dimensão comunicacional, sem resistências ou extremismos (SILVA, 2010; DEMO, 2011).

Ao longo da minha trajetória docente iniciada no curso de Técnico de Assistente Administrativo com aulas na disciplina de Gestão, os estudantes, em sua grande maioria jovens, lotavam a sala de aula, junto com jovialidade, eles traziam grande fascínio pelos aparatos tecnológicos. Telefones celulares, *notebooks* e outros dispositivos eletrônicos faziam parte do ambiente da sala de aula. Com tanta tecnologia, é natural buscar compreender a relação desses jovens com os aparatos eletrônicos. A primeira intervenção foi disponibilizar aos alunos, textos, artigos e sítios de vídeos relacionados com a disciplina, utilizando o correio eletrônico.

O uso do computador e *datashow*¹ como um recurso didático. Essa prática facilitava o acesso dos alunos aos temas abordados em disciplina que exercia a docência.

A rede digital de computadores também esta presente nas aulas, que permitem a navegação na *web* proporcionada pela *internet*. Os temas abordados durante as aulas podem receber comentários dos alunos, originados de pesquisas feitas "*online*". Nesse sentido, foi possível notar nos alunos uma postura diante do computador: com múltiplas "janelas moveis" disponíveis, deixa de ser espectador passivo para uma postura ativa de autoria ou coautoria. "Deixam de ser consumidores de informação para também produzi-la. [...] trocam informações, ensinam e aprendem uns com os outros." (GOMES, 2010, p.2).

A docência universitária também é um processo contínuo de construção de identidade do professor e tem por base os saberes da experiência construída em sala de aula.

As salas de aulas na grande maioria, são formadas por jovens com seus *smathphones*, *tablets* e *notebooks*. O comportamento desses jovens alunos universitários, diante dos aparatos tecnológicos e suas possibilidades, assemelhava-se aos do ensino técnico. O acesso e conexão à rede mundial de computadores proporcionaram a utilização das NTICs na perspectiva de transformar as informações em conhecimento.

Entretanto, ensinar não se reduz a informar, não basta expor os alunos aos meios de informação para que eles se apropriem. Durante as aulas como professor, percebi que alguns alunos, mesmo de posse de microcomputadores conectados na

¹ *Datashow*: dispositivo eletrônico que possibilita a projeção de sinais digitais em telas e cria uma sensação de uso da tecnologia (explicar melhor) com mais clareza.

internet, pareciam não ter habilidades suficientes para as pesquisas e contextualizações das informações geradas nesse ambiente. Dificuldades com a busca de textos científicos relacionados à disciplina, e a sua interpretação, tronavam-se grandes problemas para os alunos.

Com a proposta de utilizar alguns recursos digitais nas práticas docentes foi escolhido o *blog*² como recurso para que os estudantes do primeiro semestre do curso de Administração o utilizassem como forma de acesso aos assuntos correlatos à disciplina de Teoria Geral da Administração.

O uso do *blog* também teve como proposta orientar os alunos na leitura de textos acadêmicos, pois, até então, esse era um território ainda desconhecido para a maioria dos estudantes.

Foram construídos e disponibilizados dois *blogs* com propostas de experimentações diferenciadas. No primeiro *blog*, aqui tratado como “*Blog A*”, predominam as imagens. O segundo *blog*, denominado “*Blog B*” traz textos, artigos, *links* de acesso a outras páginas da *internet*. Todos os conteúdos dos dois blogs se relacionam com os temas vistos em sala de aula, com a hipótese de que os *blogs* possibilitaram a ampliação do espaço pedagógico para os alunos dos 1º semestres do curso de Administração, assim, foram realizadas postagens de comentários, imagens e vídeos relacionados com os temas desenvolvidos em sala de aula. Também ficou disponível *links* na forma de hipertextos categorizados como semânticos por proporcionar ao aluno a possibilidade de utilizá-lo ou não, de acordo com sua proposta de leitura e produzirem relações de sentidos e promoverem associações de causa e efeito. A construção dos *blogs* e os procedimentos para relacionar com a aula, levou a questão:

- Os *blogs* voltados para os temas da Teoria Geral da Administração pode aumentar o interesse dos alunos pelos conteúdos dessa disciplina?
- O uso dos *blogs* como recurso didático aproxima as linguagens entre o professor e o aluno? Pode motivar o aluno a ler mais sobre os temas da disciplina da TGA?

Para o desenvolvimento do relato dessa experiência a abordagem qualitativa foi a mais indicada, por entender que essa metodologia pode oferecer

² *Blog*: abreviação de *weblog* - termo dado à uma página na rede mundial de computadores (*world wide web*) cuja estrutura permite a atualização rápida a partir de acréscimos de textos, figuras, sons, entre outros.

condições para melhor analisar a aplicação do blog como recurso didático no ensino superior. O relato de experiência apoia-se em Castells (1999) e Lèvy (1999) nos referenciais teóricos para as NTICs e a interconexão de computadores que formam as redes digitais de comunicação – ciberespaços; a cibercultura e os multiletramentos serão referenciados por Buzato (2009), Rojo (2012) e Soares (2002); os *blogs* e hipertextos terão Primo (2007) e Gomes (2011).

Em termos de organização, este trabalho apresenta seis capítulos, a introdução com o tema de pesquisa, junto com as novas tecnologias da informação e comunicação que estão cada vez mais presente nos ambientes escolares, o segundo capítulo que apresenta as influências das novas tecnologias da informação e comunicação no mundo contemporâneo e faz um relato sobre internet, cibercultura e letramento digital, a formação dos professores para utilização das tecnologias e o *blog* como recurso didático na educação. Em seguida, é apresentado um balanço crítico do que foi discutido sobre blogs por outros autores, em especial, por pesquisadores.

No capítulo três, argumenta-se sobre as influências das novas tecnologias da Informação e comunicação no ensino superior, na apropriação pelos alunos, no trabalho docente, na formação dos professores, além dos conceitos e origens dos *blogs*.

No quarto capítulo descreve um relato de experiência como procedimento associado à abordagem qualitativa descreve o uso dos *blogs* para a disciplina de Teoria Geral da Administração, as experiências com os blogs “Eu nesse mundo azul” e “Tenho por hipótese”, são relatadas.

Finalizando com considerações e ponderações sobre os acontecimentos no período da experiência, e reflexões sobre o uso dos *blogs* como possibilidade de recurso didático no ensino superior.

2 O MUNDO CONTEMPORÂNEO E TECNOLÓGICO

Refletir sobre o tempo atual não é tarefa simples. Por isso, “encontrar as palavras, as menos falsas possíveis, utilizadas para expressar a época em que se vive exige um trabalho de verdadeira criação, porém, participar desse trabalho não é, com certeza, tarefa inútil.” (BAUMAN, 2001, p. 74).

O mundo contemporâneo, caracterizado pelas crises financeiras, mudança de mão-de-obra, crescimento da economia global, exclusão social e cultura de grandes segmentos da população do planeta das redes globais, que acumulam conhecimento, riqueza e poder, crise ambiente e as demandas locais: tudo isso destaca Castells (2011), são expressões diversas de um processo de mudança multidimensional e estrutural que se dá meio às incertezas.

A sensação de desorientação é formada por mudanças radicais no âmbito da comunicação, derivada da revolução tecnológica nesse campo. A passagem dos meios de comunicação de massa tradicionais, ou um sistema de redes horizontais de comunicação organizadas em torno da *internet* e da comunicação sem fio, introduziu uma multiplicidade de padrões de comunicação na base de uma transformação cultural à medida que a virtualidade se torna uma dimensão essencial da nossa realidade. (CASTELLS, 1999, p. 2).

Como tecnologia, Castells (1999, p. 67) descreve “o uso de conhecimentos científicos para especificar as vias de se fazerem as coisas de maneiras reproduzíveis”. O autor inclui na tecnologia da informação um conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica, computadores (*softwares e hardwares*), telecomunicação e domínio da tecnologia. O processo atual de transformação tecnológica no que se refere as novas fontes de energia, aplicação na medicina, expande-se exponencialmente em razão de sua capacidade de criar uma *interface* entre campos tecnológicos mediante uma linguagem digital comum na qual “a informação é gerada, armazenada, recuperada, processada e transmitida: vivemos em um mundo que se tornou digital”, finaliza o autor.

O que caracteriza a revolução tecnológica não é a centralidade dos conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimento e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso. [...] as novas tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos. (CASTELLS, 1999, p. 69).

O ambiente de ações e interações dos sujeitos sociais organizados, sob a percepção de que as redes que se compõem na sociedade não reinventam, na sua essência, os movimentos sociais, lhes conferem outras dimensões culturais, sustentadas pela diversidade e amplitude das conexões ensejadas pelas tecnologias da informação e da comunicação na (ciber)cultura contemporânea.

A principal característica espacial da sociedade em rede é a conexão entre o local e o global. A partir dos nós nas redes globais são estabelecidas a dinâmica mutante das redes e de cada rede específicas, tenta-se explicar as conexões de certos lugares e não lugares, talvez isso explique a evolução das redes. “[...] em um mundo construído em lógicas do espaço dos fluxos, as pessoas ganham vida no espaço dos lugares.” (CASTELLS, 1999, p. 7)

Castells (2013) descreve o conceito da sociedade em rede como forma predominante de organização social³:

Propus, em 1996, o conceito de sociedade em rede para caracterizar a estrutura social emergente na era da informação, substituindo gradualmente a sociedade da era industrial. A sociedade em rede é global, mas com características específicas para cada país, de acordo com sua história, sua cultura e suas instituições. Trata-se de uma estrutura em rede como forma predominante de organização de qualquer atividade. Ela não surge por causa da tecnologia, mas devido a imperativos de flexibilidade de negócios e de práticas sociais, mas sem as tecnologias informáticas de redes de comunicação ela não poderia existir. Nos últimos 20 anos, o conceito passou a caracterizar quase todas as práticas sociais, incluindo a sociabilidade, a mobilização sócio-política, baseando-se na Internet em plataformas móveis. (CASTELLS, 2013, p.11)

A Inglaterra e Estados Unidos viram surgir em 1945, os primeiros computadores, que na verdade, eram enormes calculadoras programáveis e capazes de armazenar os programas. No entanto, sua utilização era meramente militar. A *internet* teve origem no trabalho da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA), ligada ao departamento de defesa dos Estados Unidos. Era um sistema baseado na comunicação invulnerável e independente de centros de comando e controle, a mensagem procurava sua própria rota ao longo da rede de comunicação.

Mais tarde, a tecnologia digital permitiu o “empacotamento” de todos os tipos de mensagens: sons, imagens e dados. A rede era capaz de comunicar seus nós sem passar pelos centros de controles. A primeira rede de computadores chamava-se “*ARPANET*” e entrou em funcionamento em setembro de 1969.

³ Entrevista concedida ao Jornal Zero Hora, Porto Alegre, RS, em 09 jun. 2013.

Com quatro nós integrando universidades americanas na Califórnia/EUA, os cientistas começaram a utilizá-la para suas próprias comunicações, chegando a formar uma rede de mensagens. Por muito tempo, eram reservados aos cálculos científicos feitos por militares e seu uso civil, disseminou-se no final dos anos 60. Nos anos 70, desenvolveram os microprocessadores em pequenos *chips*. Nessa época os computadores já tinham seu desempenho aumentado, porém que haveria um movimento geral da virtualização da informação e da comunicação, afetando profundamente dados da vida social, ninguém com exceção de alguns visionários, poderia prever nesse momento (LÉVY, 1999, p.31).

Ainda nos anos 70, nos EUA, uma contracultura de crescimento descontrolado fez surgir “*the hackers*” (pessoas com profundos conhecimentos de informática que eventualmente os utiliza para violar sistemas ou exercer outras atividades ilegais), quando dois estudantes que tentavam descobrir um sistema de transferir dados via linha telefônica criaram um dispositivo chamado “modem”. Fizeram isso através de um protocolo que permitia a transferência de direta de arquivos entre computadores sem passar por um sistema principal, avançam pelos ciberespaços.

Os anos 80 viram o prenuncio do horizonte contemporâneo da multimídia. A informática perdeu pouco a pouco, seu *status* de técnica e setor industrial para fundir-se com a telecomunicação. [...] novas formas de mensagens interativas apareceram nesse decênio, o triunfo da informática “amigável” (interfaces gráficas e hiperdocumentos). (LÉVY, 1999, p. 32).

Em 1983, houve uma divisão da ARPANET, dedicada a fins científicos, e a MILNET, dedicada às aplicações militares. Mais uma rede científica se formou, a CSNET (em colaboração com a IBM) e mais uma rede para acadêmicos não científicos, a BITNET, contudo, todas utilizavam com via de comunicação central a ARPANET, que passou a se chamar ARPA-INTERNET e depois passou a se chamar INTERNET, ainda sustentada pelo Departamento de Defesa e operada pela *National Science Foundation*. (CASTELLS, 1999, p.76).

A comunicação ente computadores, ainda nos anos 80, foi acelerada com a divisão dos protocolos⁴ em duas partes: servidor-a-servidor (TCP) e inter-redes (IP).

⁴ Os protocolos TCP (*Transmission Control Protocol*) e IP (*Internet Protocol*) foram desenvolvidos para realizar a intercomunicação entre computadores. As configurações desses protocolos tem como função controlar como a informação é passada de uma rede a outra, e como manipular o endereçamento contido nos pacotes, a fragmentação dos dados e a checagem de erros. (Fonte: *Microsoft Suport*. Disponível em <http://support.microsoft.com/kb/299357/pt-br>. Acesso em 29 ago.2013.

Dispondo de uma arquitetura de protocolos abertos, a rede permitia que os usuários participassem do aperfeiçoamento de *softwares* para a *Internet*. A partir do *software* Enquire, desenvolvido por Berners-Lee, foi produzido um sistema no qual as informações poderiam ser acrescentadas pelos usuários e acessadas por computadores que estivessem conectados à rede. (CASTELLS, 1999, p.18).

O protocolo resultante TCP/IP tornou-se padrão de comunicação entre os computadores.

No início dos anos 90 surgiu um novo movimento sócio-cultural, sem que nenhuma instância dirigisse esse processo, as diferentes redes de computadores que se formaram no final dos anos 70 se juntaram uma às outras, enquanto o número de pessoas e computadores conectados à “inter-redes” começaram a crescer de forma exponencial. Para Lèvy (1999), uma corrente cultural espontânea e imprevisível impôs um novo curso ao desenvolvimento técnico-econômico.

Contudo, a rede ainda apresentava dificuldades na localização e transmissão dos gráficos e dados. Um avanço tecnológico permitiu a difusão da internet na sociedade, além de modificar drasticamente as características da rede, revolucionou comportamentos, trouxe massas imensas de usuários à rede e passou, mesmo, a se confundir com a Internet: foi o advento da *www* - *world wide web*⁵, a teia mundial que trouxe para a Internet a multiplicidade de meios, a possibilidade de estender a todos o direito à expressão de suas ideias, opiniões e conteúdos.

O internauta⁶ deixava de ser um técnico especializado em computação e passava a ser todo e qualquer cidadão interessado em informar-se, vasculhar a rede, ou trazer conteúdo próprio.

A expansão das inter-redes, dos computadores interconectados e infovias - redes de banda larga que utilizam *modems* digitais via linha telefônica, ou *modems* via cabo, ou conexões *wireless* via rádio, via celular, via satélite ou quaisquer outras modalidades que a convergência tecnológica ofereça⁷ - formaram um espaço digital: o ciberespaço. É um espaço digital de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores (*internet*) e das memórias dos computadores - que Lèvy (1999) chama de “rede” é um novo meio de comunicação que surge da interconexão

⁵ World Wide Web (rede de alcance mundial, numa tradução livre para o português): rede mundial de computadores internet se tornou conhecida a partir de 1990, quando se popularizou devido à criação de uma interface gráfica que facilitou o acesso e estendeu seu alcance ao público em geral. Fonte: Dicionário Houaiss Eletrônico 3,0, 2009.

⁶ Internauta: usuário interativo da rede internacional internet. Fonte: Dicionário Houaiss, 3.0.

⁷ Definição do CGI.br – Comitê Gestor da *Internet* no Brasil. Disponível em <http://www.cgi.br/publicacoes/artigos/artigo60.htm>. Acesso em 22 Jul. 2013.

mundial de computadores. É o acesso à distância aos diversos recursos de um computador. Nessa rede estão as tecnologias digitais, e todo o universo de informações digitais⁸ que ela abriga, bem como os seres humanos que por ela transitam e alimentam esse universo.

As tecnologias digitais surgiram então, com a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, sociabilização, de organização, de transposição, mas também novo mercado da informação e do conhecimento. [...] em contrapartida é impossível prever as mutações qualitativas que se aproveitarão desta onda, bem como a maneira pela qual a sociedade irá apropriar-se delas e alterá-las. (LÉVY, 1999, p.33).

Fins da década de 1990, o poder de comunicação da internet, associado às infovias de alta capacidade de transmissão de dados, proporcionam aos *mainframes* (computadores de alta velocidade e capacidade de armazenamento) uma rede computacional montada ao redor de servidores que utilizam os mesmos protocolos da internet. Os sítios da *web* se comunicam entre si (CASTELLS, 1999).

A *internet* é o maior repositório de informação que jamais foi compilado – a visão de Ted Nelson⁹ tornou-se realidade.

A rede de computadores (*web*) nos oferece vários tipos de serviços que facilitam a nossa comunicação. Dentre eles, temos não só os correios eletrônicos (*e-mails*), mas também, serviços como FTP (*file transfer protocol*) que é um serviço que possibilita o envio (*upload*) e o recebimento (*download*) de arquivos pela internet, *chat* (bate-papo), fóruns e listas de discussões entre outros.

É um espaço onde indivíduos acessam e emitem informações, navegam. Para Lèvy (1999, p.119) o ciberespaço não gera uma cultura universal porque está em toda a parte.

Sem território físico Gibson (1984, apud LEMOS, 2010, p. 136) o descreve o ciberespaço como um composto de redes e computadores onde as informações circulam, sob suas mais diversas formas. Sem dimensões, baseado em fluxo de informações digitais, coletivas e imediatas caracterizado pela ubiquidade do tempo real com o espaço não-físico.

⁸ Pierre Lèvy (1999, p.92-93) insiste na condição de codificação digital, pois ela condiciona o caráter fluído com precisão e tratável em tempo real ou seja, o virtual da informação é a marca distintiva do ciberespaço.

⁹ Theodore Nelson: desenvolveu um projeto de pesquisa em 1967 que seria o primeiro sistema hipertextual, onde tudo pode ser imediatamente acessado, onde as ideias de todos podem estar associadas com quaisquer outras e nele, os mesmos documentos podem aparecer em múltiplos contextos sem terem sido duplicados fisicamente. (GOMES, 2011, p.18-19).

Esses ciberespaços – espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores - que Lèvy (1999) chama de rede, é um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. É o acesso à distância aos diversos recursos de um computador. Nessa rede estão as tecnologias digitais, todo o universo de informações digitais¹⁰ que ela abriga, bem como os seres humanos que por ela transitam e alimentam esse universo.

O ciberespaço é rizomático¹¹, pois estabelecem os princípios de conexão e de heterogeneidade: qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. Delleuze e Guattari (2011) estabelece que um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter uma às outras. Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas. É intermediário.

As tecnologias da informação e comunicação – NTICs tiveram um forte efeito na transformação dos mercados e dos processos dos trabalhos. A transformação na comunicação com as redes de computadores, os *softwares* de código aberto (inclusive protocolos de *internet*) promoveram uma mudança social mais aparente e o rápido desenvolvimento da capacidade de comutação e transmissão digital das redes de telecomunicações acarretaram a expansão da *internet* após sua privatização na década de 1990 e a grande generalização do seu uso em todos os campos de atividade. Para Castells (1999), outra revolução aconteceu em todo o mundo com a explosão da comunicação sem fio com uma capacidade enorme de velocidade e conectividade dos dados digitais.

A internet, a Wild Wide Web e a comunicação sem fio não são mídias no sentido tradicional. São antes os meios para a comunicação interativa. [...] é uma rede de comunicação usada para postar e trocar documentos que podem ser textos, áudio, vídeo, software, literalmente, qualquer coisa que possa ser digitalizada. (CASTELLS, 1999, p. 49).

¹⁰ Pierre Lèvy (1999, p.92-93) insiste na condição de codificação digital, pois ela condiciona o caráter fluído com precisão e tratável em tempo real, ou seja, o virtual da informação é a marca distintiva do ciberespaço.

¹¹ Rizomático: relativo a rizoma – s.m, caule subterrâneo e rico em reservas, comum em plantas vivazes, caracterizado pela presença de escamas e gemas, capaz de emitir ramos folíferos, floríferos e raízes, base sólida que legitima ou autoriza alguma coisa; fundamento, raiz. Fonte: Dicionário Houaiss Eletrônico 3.0, 2009.

As práticas, modos de pensamentos, técnicas e atitudes imersas nesse espaço tecnológico de afetaram o desenvolvimento das pessoas e das sociedades.

Entretanto, cabe ressaltar que para que as pessoas sejam realmente incluídos na cultura do ciberespaço não bastam as ferramentas da comunicação e *internet*. É fundamental que eles se relacionem com os sentidos postos em circulação nas redes eletrônicas, que participem ativamente e coletivamente das (re)construções e interpretações dos discursos que elas sustentam. Não basta as ideias estarem lá depositadas, é preciso que elas circulem no ciberespaço e se incorporem às culturas sociais dos sujeitos e se transformem em ciberculturas.

A cibercultura expressa o surgimento de um novo universal, diferente das formas culturais que vieram antes dela no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer. "Precisamos colocá-la dentro das perspectivas das mutações anteriores da comunicação." (LÉVY, 1999, p.15).

No processo da evolução dos saberes, no bojo tecnológico, a cibercultura, segundo Lévy (1999), não se limita a encurtar distâncias, mas estimula a mudança de formação do indivíduo, de institucionalizada para a generalizada. Na perspectiva generalizada, o ciberespaço conduz e torna acessível o conhecimento elaborado pela própria sociedade.

Vivemos um tempo em que é possível se dizer que existe uma relação semiológica entre homem natureza e sociedade. Essa semiologia que leva em conta os signos sob todas as formas e manifestações, assume especial, a propriedade de transformação (convertibilidade) recíproca entre os sistemas significantes que integram. "A cibercultura é o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais) de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço." (LÉVY, 2001, p. 17).

É importante destacarmos que existe uma distinção entre tecnologia e técnica.

Kenski (2003) faz uma distinção entre tecnologia e técnica quando diz que "As maneiras, aos jeitos ou às habilidades especiais de lidar com cada tipo de tecnologia, para executar ou fazer algo, nós chamamos de técnica" (KENSKI, 2003, p. 18). E segue afirmando que as técnicas são transmitidas de geração em geração e se incorporam aos costumes e hábitos sociais de um determinado grupo de pessoas.

Sobre tecnologias, KENSKI (2003, p. 18), afirma:

Ao conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade nós chamamos de ‘tecnologia’. Para construir qualquer equipamento – seja uma caneta esferográfica ou um computador -, os homens precisam pesquisar, planejar e criar tecnologias. Tudo que utilizamos em nossa vida diária, pessoal e profissional – utensílios, livros, giz e apagador, papel, canetas, lápis, sabonetes, talheres...- são formas diferenciadas de ferramentas tecnológicas. Quando falamos da maneira como utilizamos cada ferramenta para realizar determinada ação, referimo-nos à técnica. A tecnologia é o conjunto de tudo isso: as ferramentas e as técnicas que correspondem aos usos que lhes destinamos, em cada época.

Para entendermos a cibercultura, se faz necessário o percurso de um contexto histórico para diferenciar a técnica da tecnologia. A técnica na concepção etimológica vem do grego “*techné*” (ou *tekhnè*), que pode ser traduzido como um conjunto de procedimentos, atividades práticas ligadas a uma arte; o saber fazer humano¹². No ensaio “A vontade de potência como arte”, do Nietzsche, Heidegger faz um comentário de que os gregos denominavam tanto a arte quanto artesanato com a palavra *techné*.

A *techné* é “[...] uma designação para aquele saber que porta e conduz toda irrupção humana em meio ao ente.” (HEIDEGGER, 2007, p.75).

Em nossa modernidade, a técnica transforma todas as coisas em instrumentos, mas ela mesma em sua essência não é um meio, e sim uma atitude humana decidida na época moderna.

O que chamamos de técnica moderna não é somente uma ferramenta, um meio diante do qual o homem atual pode ser senhor ou escravo; previamente a tudo isso e acima das atitudes possíveis, essa técnica é um modo decidido de interpretação do mundo que não apenas determina os meios de transporte, a distribuição de alimentos e a indústria de lazer, mas toda a atitude do homem e suas possibilidades. (HEIDEGGER, 1989, p. 45).

A partir do século XVII a atividade técnica vai estar ligada ao conhecimento científico. “A técnica é o poder transformador humano, que prepara a natureza à formação da espécie e da cultura humana. [...] é um processo de naturalização dos objetos.” (LEMOS, 2010, p. 40).

Essa naturalização dos objetos por parte da técnica moderna fez surgir a tecnologia, rompendo os limites entre a ciência e a técnica.

¹² Dicionário Houaiss Eletrônico 3.0, 2009.

Portanto, Lemos (2002, p.17), descreve que o surgimento da cibercultura não é só fruto de um projeto técnico, mas uma relação estreita com a sociedade e a cultura contemporânea.

A cultura contemporânea, quando associada às tecnologias digitais – ciberespaço, simulação, tempo-real, virtualização – facilita uma nova relação entre a técnica e a vida social que chamaremos de cibercultura. [...] a cibercultura resulta da convergência entre a sociedade contemporânea e as novas tecnologias com base microeletrônica. (LEMOS, 2010, p. 17-18).

A tecnologia é entendida por Brooks (apud CASTELLS, 1999, p. 276) como o uso de conhecimentos científicos para especificar as vias de se fazerem as coisas de uma maneira reproduzível. Nas tecnologias da informação, pode-se incluir todo conjunto convergente de microeletrônica de computação (*hardware e software*), telecomunicações, além do domínio e utilização das suas especificidades.

Os impactos da tecnologia na cultura e na comunicação contemporânea vai gerar um novo *éthos*¹³, uma nova forma de existência, mais compartilhada e de atividades socializantes como *chats*, grupos de discussões, *blogs*. A cibercultura é uma rede social complexa. Portanto:

A cibercultura vai se caracterizar pela formação de uma sociedade estruturada através de uma conectividade telemática generalizada, ampliando o potencial comunicativo, proporcionando a troca de informações sob as mais diversas formas fomentando agregações sociais. [...] permite colocar o poder de emissão nas mãos de uma cultura jovem, tribal, gregária que vai produzir informação, agregar ruídos e colagens, jogar excesso ao sistema. (LEMOS, 2010, p. 93).

A comunicação proporcionada pelos dispositivos de informática pode contribuir para o desenvolvimento da inteligência coletiva, à medida que se aprende a utilizar os mecanismos desses sistemas e suas possíveis alterações. A escola participando do processo de esclarecimento ou de acessibilidade do indivíduo às novas tecnologias instrumentais, pode contribuir para a divulgação desses conhecimentos, a nível coletivo, torna-se fundamental para a cibercultura. “É aqui que intervém o papel principal da inteligência coletiva, que é um dos principais motores da cibercultura”. (LÉVY, 1999, p. 28).

Pode essa tecnologia estruturar toda uma sociedade? Castells (1999) afirma que ela está construída em torno de fluxos:

Fluxos de capital, fluxos de informações, fluxos de tecnologias, fluxos de interações organizacionais, fluxos de imagens, fluxos de sons e símbolos. [...] assim proponho a ideia de que há uma nova forma espacial

¹³ *Éthos*: conjunto dos costumes e hábitos fundamentais, no âmbito do comportamento (instituições, afazeres etc.) e da cultura (valores, ideias ou crenças), característicos de uma determinada coletividade, época ou região. Fonte: Dicionário Houaiss Eletrônico 3.0, 2009.

característica das práticas sociais que denominam e moldam a sociedade em rede: os espaços de fluxos. *O espaço de fluxos é a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos.* (CASTELLS, 1999, p. 501, grifo do autor).

Esse mesmo autor entende por fluxos as sequências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação mantidas por atores sociais. Nessa rede, propõe Castells (1999), nenhum lugar existe por si mesmo, já que as posições são definidas pelas trocas de fluxos da rede, um novo espaço construído digitalmente.

As redes são estruturas abertas, com capacidade de expansão ilimitada que interligam novos “nós”, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação. Uma estrutura social baseada no sistema aberto de redes pode ser dinâmica e suscetível de inovações sem, contudo, ameaçar seu equilíbrio.

Portanto, os nós compartilhados é uma “teia” de comunicação formada por dezenas de milhares de sub-redes onde a comunicação eletrônica caminha à velocidade da luz (300.000 km/s). Santaella (2004) relaciona a rede no ciberespaço como uma realidade virtual, com a visualização da informação através das interfaces gráficas:

Nessa medida, o ciberespaço deve ser concebido como um mundo virtual global coerente, independente de como se acede a ele e como se navega nele. Tal qual uma língua cuja consistência interna não depende de que os seus falantes estejam de fato pronunciando-a. [...] o ciberespaço, como uma virtualidade disponível, independe das configurações específicas de que um usuário em particular, consegue extrair dele. (SANTAELLA, 2004, p. 40-41).

Entretanto, vale ressaltarmos que para que os sujeitos sejam realmente incluídos no ciberespaço é preciso mais do que o acesso à *Internet* e outras ferramentas de comunicação e informação, sendo fundamental que eles se relacionem com os sentidos postos em circulação nas redes eletrônicas, que participem ativamente dos jogos de (re)construção e interpretação dos discursos que elas sustentam. Assim, ainda que a rede abrigue sentidos plurais, isto não é suficiente para uma democratização dos discursos, visto que “não basta as ideias estarem lá depositadas, é preciso que elas circulem, que elas tomem corpo.

O que se torna cada vez mais evidente é que, se a comunicação em redes digitais distribuídas não dissolve as diferenças socioculturais no ciberespaço, ela recoloca, em um novo cenário, o antigo e complexo debate entre universalismo e relativismo. A comunicação digital da nossa sociedade passa a ser intermediada por máquinas de processar informações. Por isso, códigos, *softwares* e protocolos tecnológicos penetram em nosso cotidiano social e cultural. A Internet é um arranjo

comunicacional baseado em protocolos tecnológicos. Como apontou Galloway (apud SILVEIRA, 2010, p. 77):

O estilo de gerenciamento das redes distribuídas é protocolar e expressa claramente a sociedade do controle. Para realizar a comunicação digital é preciso aceitar seus protocolos. Para se comunicar livremente nas redes digitais é preciso acatar suas regras, seus procedimentos e sua arquitetura comunicacional. Assim, é possível observar claramente que a mesma rede que garante nossa liberdade comunicativa é a que nos controla. Não há como garantir o livre fluxo de informação digital sem aceitar os protocolos da rede. Neles reside o controle.

Para Silveira (2013), membro do Comitê Gestor da Internet no Brasil, se a liberdade de expressão e de opinião distribuídas pelas plataformas da rede podem incomodar os setores que definem as razões de Estado como princípio superior, a liberdade de criação de novas tecnologias, a internet corre o risco de torna-se alvo da indústria de intermediação cultural e de grandes corporações de telecomunicações.

A internet, até o momento, é uma rede aberta, não proprietária e desenvolvida colaborativamente, a partir dos esforços de empresas, universidades, técnicas e técnicos de órgãos públicos e da comunidade hacker. Entretanto, quem controla a infraestrutura de conexão pode controlar o fluxo de informações. Dito de outro modo: os donos dos cabos e fibras ópticas por onde passam os fluxos de informação podem filtrar e bloquear os pacotes de dados. (SILVEIRA, 2013, p.34)

A etimologia do termo multimídia, sugere a integração de gráficos, animações, vídeo, música, fala e texto (conjunto de meios), utilizadas nas bases tecnológicas de forma linear ou não-linear.

Inicialmente, pode-se dizer que a polissemia do termo mídia é uma das razões para essa variedade de usos e sentidos. Além de referir-se ao recurso pelo qual uma informação é transmitida, ou seja, o canal ou o meio de comunicação através do qual se desenvolve uma comunicação, o termo mídia também designa o suporte (CD, CD-RW, memória física, redes digitais etc.). (GOMES, 2010, p.62)

Todo gênero multimidiático é restritivo em relação ao enorme conjunto de possibilidades e exige uma habilidade na construção dos significados. Somente algumas combinações são permitidas ou favorecidas. Nenhum texto duplica exatamente o que uma figura significa para nós. Lemke (2010) propõe que o texto significa mais quando justaposto à figura, da mesma forma a figura quando colocadas lado do texto.

Para Rojo (2012, p.18) a multiplicidade das linguagens (modos ou semioses¹⁴) nos textos contemporâneo, pode estar presentes com a linguagem

¹⁴ A noção da semiose tem sido utilizada sobremaneira para se investigar modelos específicos de comunicação. Parte do ordenamento associativo do signo triádico da seguinte

escrita (diagramação-ocupação do espaço na página), numa narração com linguagem verbal em áudio, junto com a linguagem escrita, além de mapas, fotos, diagramas.

Lemke (2012) ressalta a importância dos trabalhos multimidiáticos:

Tenho chamado de “significado multiplicador” por que as opções de cada mídia multiplicam-se entre si em uma explosão combinatória: em multimídia as possibilidades de significação não são meramente aditivas. [...] a próxima geração de ambientes de aprendizagem interativos adiciona [aos *links*] imagens visuais e sons e vídeos, além da animação. (LEMKE, 2012, apud ROJO 2012, p. 20)

O espaço digital torna possível a inclusão de habilidades de autorias multimidiáticas de produção textual e de leitura, estratégias de exploração do ciberespaço e habilidades de navegação no ciberespaço. Isso transforma as relações e suas estruturas sociais.

A multimídia permite a combinação de várias modalidades semióticas na construção de significados (desenhos, diagramas, imagens fotográficas, efeitos sonoros, voz em áudio, música, animação ou representações mais especializadas), tem um efeito multiplicador, pois as opções de significados de cada mídia multiplicam-se entre si em uma explosão combinatória em multimídias e as possibilidades de significação não são meramente aditivas. (LEMKE, 2012, p. 462).

Multimídias, hipermídias, hipermodalidades ampliam o sentido da multimodalidade. Eles vão além dos textos planejados e lineares. Textos, sons, figuras, vídeos não são mais uma justaposição contígua de símbolos, mas um novo *design* que interliga as diversas modalidades. Rojo (2012) recorre a um hibridismo cultural onde os hipertextos e hipermídias, viabilizados por meio de *links*, apresentam múltiplas sequências e possibilidades de trajetórias.

O hipertexto propõe vias de acesso e instrumentos de orientação sob forma de diagramas, de redes ou de mapas conceituais manipuláveis e dinâmicos, o que vem favorecer, segundo Lèvy (1999), um domínio mais rápido e fácil da matéria do que através do audiovisual clássico ou do suporte impresso tradicional. Pela força da condição dos textos a que se pode ter acesso, o hipertexto pode ser visto, ainda por esse autor, como um “grande metatexto de geometria variável, com gavetas, com dobras” (figura 1).

maneira: o emissor substitui o objeto, o signo dá lugar ao discurso e o receptor substitui o interpretante. Nessa abstração, a essência relacional entre a tríade objeto/signo/interpretante é “derivada, portanto, da ideia de um emissor, um enunciado e um intérprete” (SANTAELLA, 2010, p.164).

Figura 1 - O uso dos hipertextos



Fonte: <http://www.chicobuarque.com.br/>. Acesso em 20 ago. 2013.

Para Komesu (2005) O hipertexto pode ser analisado em uma de suas possíveis realizações:

- Intertextualidade. O hipertexto permite, mediante os *links* nele indexados, o acesso a inúmeros outros hipertextos que circulam pela rede.
- Não-linearidade. É considerada como o traço principal do hipertexto. Trata-se, na definição de Nelson (1992) citada por Marcuschi (2000), de uma flexibilidade desenvolvida na forma de ligações permitidas/sugeridas entre nós que constituem redes que possibilitam a elaboração de vias navegáveis.
- Volatilidade. É um traço apontado por Bolter (apud Marcuschi, 2000), no sentido de que o hipertexto não tem a mesma estabilidade, por exemplo, dos textos impressos: todas as escolhas são passageiras quanto às conexões estabelecidas por seus leitores; esta característica

sugere ser o hipertexto um fenômeno essencialmente virtual, decorrendo daí boa parte de suas demais propriedades.

- Fragmentaridade. É um traço relacionado à ausência de um centro regulador imanente ao hipertexto. Para Marcuschi (2000, p.25), “consiste na constante ligação de porções em geral breves com sempre possíveis retornos ou fugas.”

As multimídias nos permitem uma melhor compreensão enquanto suporte, pois numa mesma tela num único dispositivo digital (computadores, *tablets*, *smartphones* e similares) mobiliza sentidos diferentes para a percepção das mensagens, a vista e o ouvido – mas também o odor, o gosto e o toque de certas simulações interativas. Trazem enquanto modalidade linguística, diferentes misturas de linguagens, tendo cada uma seu modo de funcionamento, linguagem oral, escrita, gestual, imagem desenhada, cinematográfica, videográfica, barulhos, músicas, etc.

O termo multimídia significa, em princípio, aquilo que emprega diversos suportes ou diversos veículos de comunicação. Porém Lèvy (2007), descreve multimídia como duas tendências principais na comunicação contemporânea: a multimodalidade e a integração digital.

O gênero multimodal, como instrumento semiótico, é definido por Kress, Van Leeuwen (2001) da seguinte forma:

Definimos a multimodalidade como uso de diversos modos semióticos na concepção de um produto ou evento, juntamente com o modo particular segundo o qual esses modos são combinados – podem, por exemplo, reforçar-se mutuamente (“dizer a mesma coisa de formas diferentes”), desempenhar papéis complementares [...], ser hierarquicamente ordenados, como nos filmes de ação, onde a ação é dominante, com a música acrescentando um toque de cor emotiva e sincronizar o som de um toque ralista “presença”. (KRESS, VAN LEEUWEN, 2001, p. 20 apud ROJO, 2012, p.151).

A informação tratada pelos computadores já não diz mais respeito a apenas dados numéricos ou textos, mas também, cada vez mais, imagens e sons.

As trajetórias multimidiáticas, enquanto estruturação propicia uma condução não linear, ao contrário do livro, do filme ou da emissão televisiva clássica, ela permite uma “navegação” através de caminhos diferentes.

Essa “navegação” pode ser integrada a um CD (*digital disc*), um DVD (*digital vídeo disc*) ou em outra fonte de dados, quando a fonte é acessível pela rede *internet* que permite, nesse caso, a utilização coletiva.

A utilização coletiva permite a escrita interativa com a integração de elementos textuais, sonoros e visuais. Cada um com suas especificidades de articulação em dispositivos interativos, pois a interatividade e a imagem “ação” que ela produz, pelo gesto do usuário, recompõem as articulações entre as diversas modalidades de significação.

A partir do sistema multimídia, (imagens animadas ou não, sons e textos) o espectador, agora ativo, age mais ou menos instantaneamente, utilizando teclado, *mouse*, *joysticks* etc. Ele é então convidado a penetrar em universos mais complexos e a interagir com eles conforme um tipo de cenário ou percursos não lineares. (SILVA, 2010, p.154).

A característica mais importante da multimídia seja que ela capta em seu domínio a maioria das expressões culturais em toda sua diversidade. Para Castells (2011, p.458) seu advento é equivalente ao fim da separação entre mídia audiovisual, mídia impressa, cultura popular e cultura erudita, entretenimento e educação:

Todas as expressões culturais, melhor à pior, da mais elitista à mais popular, vem juntas nesse universo digital que liga um supertexto histórico gigantesco, as manifestações históricas passadas, presentes e futuras da mente comunicativa. Com isso elas constroem um novo ambiente simbólico. Fazem da virtualidade nossa realidade. (CASTELLS, 1999, p.458).

3 ENSINO SUPERIOR E AS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Os computadores em rede estão cada vez mais, presentes nos ambientes de ensino superior. Alunos conectados propõe um entendimento mais amplo de educação viabilizada não só por eles, mas pelos próprios professores, de modo colaborativo. O uso das tecnologias depende, fundamentalmente, das ações do professor e dos seus alunos. Essas ações, acompanhadas de uma maior autonomia para o desenvolvimento das propostas de estudos e trabalhos em equipes, podem torná-las mais efetivas:

E, numa sociedade em constante mudança centrada na informação e nas tecnologias da informação e comunicação, “a escola precisa assumir o papel de formar cidadãos para a complexidade do mundo e dos desafios que ele propõe. Preparar cidadãos conscientes, para analisar criticamente o excesso de informações e a mudança, a fim de lidar com as inovações e as transformações sucessivas dos conhecimentos em todas as áreas.” (KENSKI, 2007, p. 64).

O acesso à informação, permitida pelas redes de computadores tornou-se uma alternativa educacional. Informações sociabilizadas estabelecem a relação dos alunos com o saber.

As tecnologias suportadas pelas máquinas conectadas em redes de fluxo contínuo de informações oferecem aos professores a possibilidade do ensino diferenciado do modo convencional.

Aprendizagens permanentes e personalizadas através de navegação, orientação dos estudantes em um espaço do saber flutuante e destotalizado, aprendizagens cooperativas, inteligência coletiva no centro de comunidades virtuais, desregulamentação parcial dos modos de reconhecimento dos saberes, gerenciamento dinâmico das competências em tempo real ... esses processos sociais atualizam a nova relação com o saber.” (LÉVY, 1999: p. 177).

O aluno/leitor é também navegador, sugere Coscarelli (2010). Não que ele não fosse navegador antes, mas essa habilidade de procura e seleção de informações, tão imprescindível hoje nos ambientes digitais, era pouco explorada em ambientes escolares. O aluno, por razões diversas tinha a chance de receber os textos em antologias, livros didáticos ou em páginas mimeografadas ou xerografadas e raramente era levado a uma farta biblioteca, onde poderia livremente buscar as informações de que precisava.

Quando a ele era dada a oportunidade de pesquisar, ele contava com uma única enciclopédia que tinha em casa ou na casa de algum parente ou amigo. Essa realidade é muito diferente da que temos hoje, na qual o leitor

é navegador de alto mar e não mais de águas rasas, porque temos a *Internet*, ambiente onde podemos encontrar as mais diversas informações em textos verbais, vídeos, imagens, ou em tudo isso junto em hipertextos multimodais, infográficos, entre outros. (COSCARELLI, 2010, p. 36).

Segundo Soares (2002), a sociedade vivencia um momento de novas modalidades de práticas de leitura e escrita com as recentes tecnologias digitais. Assim, procura-se discutir a necessidade da incorporação das novas tecnologias em sala e de se trabalhar as habilidades de leitura e de produção numa cultura da tela ou cibercultura. (LÉVY, 1999; SOARES, 2002).

No ensino superior, estamos diante de uma emergência histórica da interatividade. Nos recursos tecnológicos, a tela do computador não é um plano de irradiação, mas um espaço democrático de manipulação, de cocriação, remix, pontilhado de janelas moveis e abertas às múltiplas conexões.

As instituições de Ensino Superior provavelmente terão em seus prédios e edificações uma referência espacial. No entanto, o aspecto temporal das atividades pode ser alterado.

As formas de interação com os alunos, agora se depara com a possibilidade das tarefas acontecerem no mesmo local, porém em tempos diferentes. As NTICs – novas tecnologias da informação e comunicação favorecem a colaboração de alunos, para o desenvolvimento de atividades intelectuais em um mesmo tempo, porém, em espaços e locais diferentes agora expandidos pela virtualidade.

Na esfera social, o jovem estudante é o novo espectador. Silva (2010, p. 26) alerta que o estudante tende a uma aprendizagem fundada num o ambiente tecnocultural, porém as escolas ainda continuam não dando mostras de modificação de sua prática comunicacional.

A sala de aula interativa seria o ambiente em que o professor interrompe a tradição de falar/ditar, deixando de identificar-se com o contador de histórias, e adota uma postura semelhante a do *disigner* de *software* interativo. Ele constrói um conjunto de territórios a serem explorados pelos alunos e disponibiliza coautoria e múltiplas conexões, permitindo que o aluno também faça por si mesmo [...] um estimulador de curiosidade e fonte de dicas para que o aluno viaje sozinho no conhecimento obtido nos livros e nas redes de computador. (SILVA, 2011, p. 27).

3.1 Apropriação (e subversão) tecnológica pelos alunos

As ideias liberais fundidas aos sonhos libertários e anarquistas estão concentradas nas regras de operação da rede e em suas arquiteturas de

comunicação, ou seja, constituem os protocolos técnicos da internet. São, portanto, “localismos globalizados” (SANTOS, 2002, p. 65).

Preconizava Lèvy (1999, p.78): “O ciberespaço oferece as condições para uma comunicação direta, interativa e coletiva. [...] é a realização técnica dos ideais da modernidade”.

Quando as novas tecnologias da informação e comunicação são usadas como uma ferramenta para o apoio didático, torna-se possível a criação de um ambiente de estudos mais amplo e interativo, onde os alunos podem realizar com criatividade as diversas atividades escolares no ambiente virtual..

Essas novas tecnologias podem proporcionar ao aluno um ambiente de criação coletiva e, por isso, podem vitalizar a comunicação entre os sujeitos.

Penso na possibilidade de fazer da sala de aula um lugar privilegiado para a formação do sujeito cada vez mais imerso na subjetividade de suas escolhas e navegações. Um lugar privilegiado porque pode cuidar de colocar de colocar o *faça você mesmo* em confrontação coletiva para a construção do conhecimento. A interatividade pode em seus fundamentos pode potencializar essa confrontação. (SILVA, 2010, p. 199, grifo itálico do autor).

Outro efeito das apropriações tecnológicas pode ser uma maior disposição por parte dos alunos para trabalhar cooperativamente e proporcionar uma espécie de tutoria entre seus pares. As tarefas baseadas nas tecnologias envolvem muitas subtarefas (por exemplo, a criação de um *hyperlink - links* que vão de uma página da *Web* ou de um arquivo para outro), fazer colunas com *software* de processamento de texto, elaboração de planilhas eletrônicas, promovem situações em que os alunos podem precisar de ajuda e encontram em seus grupos, uma conveniente fonte de assistência. Os alunos que dominam as requeridas habilidades no uso do computador, geralmente se disponibilizam a ajudar os outros colegas dos grupos de estudos ou da sala de aula.

Além disso, as atividades desenvolvidas no ambiente virtual possibilitam uma exposição pública desses trabalhos e por muitas vezes trocam informações comentando sobre cada um dos outros trabalhos, oferecendo assistência, e discutindo o que eles estão fazendo.

Ainda existe uma disparidade entre a sociedade em rede digital e a escola, que por muitas vezes, trabalha ainda na lógica “analógica”. A escola normalmente demora a incorporar, respeitar ou considerar aquilo que é da vivência em sociedade. No caso dos espaços da educação, a situação ainda toma outro contorno: a escola

na maioria das vezes apoia o uso do computador e da *internet*, mas limita suas possibilidades de uso, estabelecendo aquilo que é benéfico ou não. Ela tem uma tendência a desconsiderar a forma como o aluno (sujeito) se apropria do espaço que irá estabelecer sua funcionalidade.

Um grande numero de instituições de ensino, inclusive do nível superior, bloqueiam ou restringem o acesso às páginas dos *blogs* e redes sociais. A alegação dada, quase sempre, é de que o uso desses espaços dispersam a atenção dos alunos durante as aulas.

Diante das restrições do uso das ferramentas tecnológicas, os alunos buscam, como forma de contracultura, outros modos de utilização das NTICs no processo de aprendizagem.

Parte integrante da contracultura digital, a origem da ética *hacker* (*Hackers*) data da década de 60 e se desenvolveu nas dependências da MIT (*Massachusetts Institute of Technology*), universidade norteamericana, num momento em que os computadores eram monstros de algumas toneladas e vários milhões de dólares e seu acesso era limitado há algumas horas previamente agendadas, a cultura do livre acesso, compartilhamento e senso de comunidade aflorou.

Já naquela época, os jovens que utilizavam estes computadores desenvolviam programas para quebrar restrições de acesso impostas pelos administradores do MIT, sempre no sentido de que quanto mais pessoas os utilizassem, melhor seria. A própria palavra *hack* vem de um vocabulário interno do MIT que significava atividades em grupo elaboradas por e para os colegas.

Gomes (2010) destaca que a cultura *hacker* trás influencias do antiautoritarismo contracultural e anárquico:

A cultura *hacker* traz, além do que julgam inerentes à natureza da computação e da comunicação, influências do antiautoritarismo contracultural e anárquico, quando defende a liberdade total e o fim de qualquer autoridade e dominação. Em seu livro *Heroes of the Computer Revolution*, Steven Levy, conforme nos contam Goffman e Joy, apresenta vários princípios do hacker, que em muito se parecem com os princípios das redes sociais e da cultura digital: (1) o acesso aos computadores deve ser livre e completo; (2) toda informação deve ser disponível; (3) desconfie da autoridade - promova a descentralização.” (GOMES, 2010, p.11).

Na contracultura (figura 2), “as estrutura sociais são espontâneas e efêmeras”, e podem ser um estilo de vida, “floresce sempre e onde quer que alguns membros de uma sociedade escolham estilos de vida [...] o qual a única verdadeira constante é a própria mudança.” (GOFFMAN & JOY, 2007, p.9)

Nessas configurações eles colhem a vantagem de trocar idéias e criações por intermédio de resposta rápida em pequenos grupos, conseguindo uma sinergia que permite que seus pensamentos e suas visões cresçam e se modifiquem quase que no mesmo instante em que são formulados. A contracultura não tem uma estrutura formal nem uma liderança formal. Em certo sentido, ela não tem liderança; em outro sentido, é abarrotada de líderes, com todos seus participantes inovando constantemente, invadindo novos territórios em que outros podem acabar penetrando. A marca da contracultura não é uma forma ou estrutura em particular, mas a fluidez de formas e estruturas, e perturbadora velocidade e flexibilidade com que surge, sofre mutação, se transforma em outra e desaparece. (GOFFMAN & JOY, 2007, p.9)

Figura 2. A contracultura na internet



Fonte: Sítio Salve a (contra)cultura digital brasileira. Disponível em : <http://culturadigital.br/contraculturadigital/2012/02/19/salve-a-contra-cultura-digital-brasileira/>. Acesso em 30 ago.2013

O uso do computador e suas funcionalidades compreende trabalhar com fatores que vão muito além da simples inclusão das máquinas (*hardware*) e programas (*software*) no cotidiano escolar. Apropriar-se de forma integral da tecnologia implica em uma reestruturação no sistema global da instituição de ensino

Quando os alunos estão usando a tecnologia como uma ferramenta ou um suporte para comunicar com os outros, eles estão em um papel interativo ao invés do papel de receptor da informação transmitida por um professor ou livro didático. O aluno estabelece uma contracultura quando faz escolhas sobre como gerar, obter, manipular, processar, publicar (exibir) as informações remixadas.

As NTICs favorecem os alunos na ampliação da capacidade de produção e co-produção dentro das atividades didáticas. A “*remixagem*” não pode ser

interpretada como cópia ou bricolagem, pois é uma forma interessante de “pensar produção” em contexto escolar.

As novas mediações tecnológicas vêm interferindo diretamente na produção dos alunos que, favorecidos pelas facilidades de algumas ferramentas, tem mais acesso às informações e textos de outros autores dos quais podem se apropriar, realizando o famoso “recorta e cola”. [...] as NTICs mediam ricas e pertinentes oportunidades, não plagiando outros, mas se apropriando do conteúdo dado para criar algo que seja novo e significativo, reconvertendo. (CANCLINI, 2008, apud ROJO, 2012, p. 142).

A cultura do “*remix*” na cibercultura modifica o panorama das comunicações e das práticas sociais contemporâneas. Para Lemos:

A remixagem” na cibercultura é o conjunto de práticas sociais e comunicacionais de combinações, colagens de informação a partir das tecnologias digitais. [...] por *remix* compreendemos as possibilidades de apropriação, desvios e criação livre (cultura *hip-hop*) a partir de outros formatos, modalidades ou tecnologias, potencializados pelas características das ferramentas digitais e pela dinâmica da sociedade contemporânea. (LEMOS, 2005, p.2)

Para LEMOS (2005, p.2) “A informação quer ser livre.” A ideia da reconfiguração, passa pela modificação das estruturas sociais e das praticas comunicacionais: trará-se de reconfigurar práticas, modalidades midiáticas e espaços. (LEMOS, 2005).

Os *blogs*, reconfiguraram os formatos de publicação, pois se agregaram em comunidades e possibilitaram aos leitores a possibilidade do comentário e adição de outras informações (LEMOS, 2005):

No *blog* é possível ver claramente a liberação do polo emissor (qualquer um pode fazer o seu *blog*), o principio em rede (*blogs* que fazem referencia à outros *blogs*) e a reconfiguração com os novos formatos de diários, de emissão sonoras, de vídeos. A novidade não é a recombinação em si, mas o seu alcance a re-combinação e a re-mixagem, tem dominado a cultura ocidental pelo menos desde a segunda metade do século XX, mas adquirem aspectos planetários nesse começo do século XXI. (LEMOS, 2005, p.3)

Pensar sobre a inserção da tecnologia como ferramenta didática no processo de ensino é pensar em como o computador implicou em uma subversão na postura do aluno quando ele remixa as informações disponibilizadas (ou não) na *web*.

Gomes (apud MAGNANI, 2011) sugere que há algo de protesto e resistência em algumas dessas práticas extraescolares: os espaços de aprendizado presentes e distribuídos em toda a sociedade não se reduzem e nem querem, necessariamente, reduzir-se ao que é tido como pertinente ao contexto formal de ensino.

[...] enquanto a instituição escolar rejeita ou demora a entender os efeitos enquanto procura as causas, ou procura domesticar as redes, na

microestrutura as mudanças vão acontecendo, se não dentro da escola, ao menos fora dela. A escola vai se reinventando fora da escola. (GOMES, 2010, p. 18).

Os ambientes online permitiram a participação assíncrona, com fóruns, com exposição de argumentos e exposições.

Silva (2011) faz a seguinte distinção entre interação e interatividade:

[...] a interação vem da física, foi incorporado pela sociologia e finalmente no campo da informática transmuta-se em "interatividade".[...] ela abre uma dinâmica espiralada ao desenvolvimento imprevisível e indefinidamente aberto. É a criação aberta, uma criação comum aos participantes. A interatividade designa muito mais. (SILVA, 2007, p.111-112).

Além dos textos os *blogs* possibilitam o compartilhamento de vídeos através de *links*. A comunicação e conhecimento são as essências do nosso tempo. O aluno percebeu que o a virtualidade do ciberespaço, não se limita ao modelo tradicional da difusão dos conhecimentos. Ele exige uma nova postura comunicacional.

Roxo (2012) propõe a participação coletiva dos sujeitos com uma das formas de ocupação do novo espaço publico baseado na liberdade e na cooperação:

Como sociabilizar o sujeito em nosso tempo? Como prepará-lo para ocupar o velho e o novo espaço publico? Como prepará-lo para aí comunicar e conhecer? Será certamente proporcionando uma confrontação coletiva ao *faça você mesmo* num ambiente de comunicação baseado na liberdade na pluralidade e na cooperação. [...] sua formação se dá à medida que participa na construção coletiva do conhecimento e da comunicação. (ROJO, 2012, p.201, grifo do autor).

“A sala de aula interativa, baseia-se na vivencia coletiva e na expressão e recriação da cultura. Nela a cultura deixa de ser tratada como reprodução mecânica.” (Ibidem, p.202).

A utilização dos *blogs* como nova forma se relacionar com o conhecimento podem levar as salas de aulas para fora da escola. Para Magnani (2011) a prática de estar no computador é uma resistência ao modo tradicional de construção de conhecimentos. A existência de uma escola fora da escola é um movimento contracultural.

Para Gomes (2010) são os espaços extraescolares estão transformando as dinâmicas das salas de aula.

Enquanto a escola reluta em introduzir as tecnologias atuais na mediação pedagógica, [...] as conexões vão de fazendo, as comunidades de aprendizagem formadas espontaneamente vão se tornando cada vez mais importantes na distribuição e construção de conhecimento e saberes. (GOMES, 2010, p.8).

O aluno reestruturou sua relação com o tempo e espaço de estudo e lazer. Nesse processo as relações de poder também atingiu de forma direta os seus

integrantes. Grande parte do aprendizado poderá ocorrer fora da escola, em viagens, *shoppings* excursões, intervalos do trabalho e mesmo em casa. A comunidade e a casa poderão se tornar o local onde os alunos desempenharão as atividades intelectuais.

3.2 Trabalho docente (com as tecnologias)

“Na sociedade contemporânea, as rápidas transformações no mundo do trabalho, o avanço tecnológico configurando a sociedade virtual e os meios da informação e comunicação” (ROJO, 2012, p, 87).

Por muitas vezes, o professor pode até encontrar um uso adequado para essas ferramentas tecnológicas em sua didática, ou mesmo adequá-las às familiaridades dos alunos com essas ferramentas (se estão dispostos a utilizá-las). Esse ambiente de tecnologia adaptada e de pouco uso, pode proporcionar ao professor um trabalho docente voltado às modalidades mais tradicionais de ensino, tais como palestras, biblioteca, livros, tutoriais e seminários entre outros. Cabe destacar que em todas essas formas de ensino, é possível o uso das novas tecnologias informacionais, no entanto a tecnologia geralmente desempenha um papel coadjuvante no ensino.

Os professores podem disponibilizar tarefas na *web*, interagir com os alunos por e-mail ou comentar suas produções escritas eletronicamente, mas a abordagem tradicional de iniciar uma atividade curricular, pedir uma lição de casa e avaliar o trabalho dos alunos tem sido mantida. (SNYDER, 2010, p. 263).

De um modo geral, a complexidade que envolve o saber docente dos saberes que são mobilizados pelo professor em sua prática pedagógica, preconizando que quanto mais um saber é desenvolvido, formalizado, sistematizado, mais se revela longo e complexo o processo de aprendizagem que exige, por sua vez, uma formalização e uma sistematização adequadas. Apresenta-se então a problemática do uso das novas tecnologias e suas interferências na prática pedagógica, identificando as características e os diferentes tipos de saberes, a relação do professor com essas ferramentas e a valorização dos saberes da experiência nos fundamentos da prática e da competência profissional segundo os ensinamentos de Tardif (2009).

Nesse sentido, os saberes da experiência não são saberes como os demais, eles são, ao contrário, formados por todos os outros, todavia depurados e submetidos na construção da prática e no cotidiano. Para isso, é imprescindível o contato, entendimento e uso por parte do professor com as novas tecnologias.

Para Araujo (2009), a familiaridade com a cultura digital demanda tempo. Não um tempo cronológico, mas um tempo em contato diário, o que não é possível para muitos usuários. Não se trata apenas de uma aproximação com as tecnologias, mas de apropriar-se das novas tecnologias. As tecnologias quando utilizadas na educação, exige do professor várias habilidades de leitura, como localizar informação, inferir informações não dadas no texto, construir cadeias referenciais, redes causais, perceber o propósito do texto, perceber efeitos de sentido provocados pela exploração dos mais diversos recursos linguísticos, agora, multimidiáticos.

“Emerge uma nova consciência de que é preciso fazer algo.” (GOERGEN, 2005, p. 4). Para tanto é necessário entender o contexto das informações que Morin (2004) descreve da seguinte forma:

O conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido. Para ter sentido, a palavra necessita do texto, que é o próprio contexto, e o texto necessita do contexto no qual de enuncia. (MORIN, 2004, p.36).

Tardif (2009) analisa ainda muito bem a questão dos saberes profissionais e a sua relação na profissionalização do ensino e da formação de professores. Considera que a diferença entre as profissões está na natureza do conhecimento profissional que, por sua vez, apresenta as seguintes características:

- a) é especializado e formalizado;
- b) é adquirido na maioria das vezes na universidade, que prevê um título;
- c) é pragmático, voltado para a solução de problemas;
- d) é destinado a um grupo que de forma competente poderá fazer uso deles;
- e) é avaliado e autogerido pelo grupo de pares;
- f) requer improvisação e adaptação a situações novas num processo de reflexão;
- g) exige uma formação contínua para acompanhar sua evolução;
- h) sua utilização é de responsabilidade do próprio profissional.

A implantação e o desenvolvimento destas características no ensino e na formação de professores têm sido um dos objetivos do movimento da profissionalização docente, porém o emprego das tecnologias de forma ativa nas ações docentes ainda são pouco contemplados nos atuais currículos.

Avançando seus estudos Tardif (2009), encontra na formação inicial e contínua, a partir da análise das práticas pedagógicas, iniciando de sua própria prática dos chamados saberes da experiência para a construção da identidade profissional do professor, são identificados três tipos de saberes da docência:

i) da experiência, que seria aquele aprendido pelo professor desde quando aluno, com os professores significativos etc., assim como o que é produzido na prática num processo de reflexão e troca com os colegas;

ii) dos saberes pedagógicos, aquele que abrange a questão do conhecimento juntamente com o saber da experiência e dos conteúdos específicos e que será construído a partir das necessidades pedagógicas reais, considerando a prática social como objetivo central, possibilitando, assim, uma nova significação dos saberes na formação dos professores.

A utilização das ferramentas tecnológicas de forma interativa renova a relação do aluno com a imagem, com o texto e até mesmo com o conhecimento. É de fato, um novo modelo de produção do espaço visual e temporal e mediado.

O professor ao fazer uso das novas tecnologias interativas, enfatiza Silva (2010), tendem, por sua vez, a contemplar as disposições da nova recepção.

Elas permitem a participação, a intervenção, a bidercionalidade e a multiplicidade de conexões. Elas ampliam a sensoriedade e rompem com a linearidade. [...] sua disposição à interatividade permite ao usuário ser o ator, ser o autor, cujas capacidades imaginativas e criativas podem se revelar de uma complexidade, de uma riqueza notável, sem lhe coibir nem a contemplação, nem a meditação. (SILVA, 2010, p. 15).

O contexto multimidiático, em que os multiletramentos estão presentes, normalmente envolvem as tecnologias da informação e comunicação; O professor pode adotar nas suas práticas docentes um trabalho que parte das culturas de referencia do alunado (popular, local, de massa) para buscar um enfoque critico, pluralista, ético e democrático.

Para Rojo (2012, p. 8-9):

[...] trabalhar com os multiletramentos partindo das culturas de referencia do alunado, implica a imersão em letramentos críticos que requerem análise, critérios, conceitos, uma metalinguagem, para chegar a propostas de

produção transformada, redesenhada, que implicam agenciamento¹⁵ por parte do alunado.

“Versões recentes do conceito de letramento o têm expandido para além da concepção estrita de simples codificação e decodificação da língua escrita, passando a levar em conta fenômenos de natureza social”. (SNYDER, 2010, p. 270)

O termo letramento (no singular) é considerado por Soares (1998, p.47) como “estado ou condição de quem não apenas saber ler ou escrever, mas cultiva praticas sociais que usam a escrita”.

Soares (1998) fundamenta essa abordagem nos pressupostos de Bakhtin/Voloshinov (1979), os quais, ao discorrerem sobre a compreensão de enunciados, em diversas situações, afirmam que qualquer tipo de compreensão pode ser ativo e necessita conter o germe de uma resposta. Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente.

A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão.

Assim, cada um dos elementos significativos isoláveis de uma enunciação e a enunciação toda são transferidos nas nossas mentes para outro contexto, ativo e responsivo. “A compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo.” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1979, p. 117 – 118).

Os letramentos são em si mesmos, tecnologias e nos dão as chaves para usar tecnologias mais amplas. Eles também produzem uma chave entre o “eu” e a sociedade: o meio através do qual agimos, participamos e nos tornamos moldados por sistemas e redes “ecossociais” mais amplos. O termo letramento é usado para descrever os comportamentos a partir da perspectiva sócio-histórica dos sujeitos (Bogdan, Biklen, 1994), ao valorizar aspectos descritivos e as percepções pessoais dos envolvidos e, por seu intermédio, compreender também o contexto social.

¹⁵ O termo agenciamento (*agencement* em francês) denota a ideia de uma combinação de elementos heterogêneos cuidadosamente ajustados uns aos outros. Mas são combinações dotadas da capacidade de se comportar de diferentes formas dependendo da sua configuração. PALMÁS, Karl (2007). Deleuze and DeLanda; *A new ontology, a new political economy?*

Para Lemke (1998), os letramentos são transformados na dinâmica desses sistemas de auto-organização mais amplos e nós – nossas percepções humanas, identidades e possibilidades – somos transformados juntamente com eles.

Letramentos não são atos passivos. Faz um bom tempo que as tecnologias do letramento não são tão simples quanto a caneta, a tinta e o papel. Muitos dos gêneros do letramento, do artigo da revista popular ao relatório de pesquisa científica, combinam imagens visuais e texto impresso em formas que tornam as referências entre eles essenciais para entendê-los do modo como o fazem seus leitores e autores regulares. Toda prática letrada de construção de significado estabelece relação de interdependência com habilidades que vão desde a navegação no teclado até a virada de uma página, da composição à encadernação, da edição às venda e distribuição (no caso das tecnologias impressas). “Conforme nossas tecnologias se tornam mais complexas, elas se tornam situadas em redes mais amplas e longas de outras tecnologias e de outras práticas culturais.” (LATOURET, 1993, apud LEMKE, 2012, p. 459).

O processo de leitura já foi concebido como um processo associativo entre som e letra – a chamada decodificação do texto; posteriormente, como um ato de cognição, de compreensão; anos mais tarde como uma interação entre o leitor e o autor; e, recentemente, tem sido concebida como apreciação e réplica ativa.

A leitura é vista como um ato de se colocar em relação um discurso (texto) com outros discursos anteriores a ele, emaranhados nele e posteriores a ele, como possibilidades infinitas de réplica, gerando novos discursos/textos. (ROJO, 2004, p.3).

Os jornais aparecem num universo de produção de sentidos. Fotos, figuras, espaços e textos são portadores de notícias rápidas, imediatas e descartáveis.

Para Santaella (2010) essas características são mantidas até o advento da revolução eletrônica (apogeu da televisão).

Novas tecnologias requerem novos letramentos. Textos, imagens e sons em conjunto funcionamento, alteram as construções dos significados numa produção multimodal. Lemke (1998) descreve como os significados são modificados no contexto digital:

Os significados das palavras e imagens lidas ou ouvidas, vistas como estáticas ou em movimento, são diferentes por causa do contexto em que aparecem [...]. Significados em multimídia não são fixos e aditivos (o significado das palavras mais o significado do contexto-imagem), mas multiplicativos (o significado das palavras modificadas pelo contexto-imagem, o significado da imagem modificado pelo contexto textual),

formando um conjunto muito melhor do que a simples soma das partes. (LEMKE, 1998, p. 283, apud ROJO, 2012, p.185).

Os recentes contextos digitais de produção letradas e multimodais fazem com que os significados sejam construídos para além do material verbal, à medida que o texto, imagem e sons funcionam conjuntamente.

O texto eletrônico altera as relações entre leitura e escrita, e novos são os gêneros discursivos e as ferramentas para o estabelecimento dessas relações. O verbal escrito já não está sobreposto ao visual. Torna-se necessário colocá-lo em relação com os textos multimodais ou multissemióticos, os quais abarcam um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagem estática, imagem em movimento, som, escrita fala) que o cercam ou intercalam (KRESS, 2000).

Começa a emergir novos espaços incorpóreos da virtualidade. O leitor se depara com dígitos, compressão de dados que podem ser recebidos, guardados, estocados, tratados e difundidos por computador. A informática permite que esses dados percorram distancias imensas levando a multimídia como suporte, os signos ficam disponíveis aos *clicks de mouse*.

A inscrição do texto na tela, cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro manuscrito ou impresso onde o texto é organizado a partir de suas estruturas em cadernos, folhas e páginas. O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis [...] todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler. (CHARTIER, 1998, p. 12-13).

Imagens, arranjos, diagramação estão presentes e fazem significar os textos contemporâneos. Essa multimodalidade ou multissemiótica dos textos, exige multiletramentos.

Para que esses letramentos ocorram são necessárias outras novas ferramentas que vão além da escrita manual (papel, lápis, caneta...). O áudio de faz necessário assim como o vídeo, tratamento de imagens e edições. Segundo Lemke (apud ROJO, 2012, p. 21) novas práticas são requeridas do leitor. A aprendizagem muda:

Agora a aprendizagem muda, em vez de sermos prisioneiros de autores de livros-texto e de suas prioridades, escopos e sequencias¹⁶, somos agentes livres que podem encontrar mais sobre o assunto que os autores sintetizam. [...] podemos aprender como se tivéssemos acessos a todos esses textos e como se tivéssemos um especialista que pudesse nos indicar a maioria das

¹⁶ Como diria Chartie (1994), dos *protocolos de leitura* de autores e de editores. (grifo do editor).

referencias entre tais textos. Temos agora que aprender a realizar formas mais complexas de julgamento e ganhamos muita prática fazendo isso. (LEMKE, 1998 apud ROJO, 2012, p.21).

As práticas de linguagens na contemporaneidade são outras, o que exige reflexão no processo de ensino de leitura. Novas são as relações multiculturais (locais, globais, valorizadas); novas são as formas de circulação dos textos, novas são as situações de produção de textos/discursos, novos são os gêneros, novas são as ferramentas de leitura-escrita e as mídias são diversas e multissemióticas (ROJO, 2010).

A atividade humana é produtora, por meio dela o homem transforma a natureza e a constitui em objeto de conhecimento (produção cultural) e, ao mesmo tempo, transforma a si mesmo em sujeito de conhecimento.

Faz-se necessária a pedagogia dos multiletramentos, pois vivemos uma época de multiculturalidade. Nesse processo ocorre a hibridação, que, segundo Canclini (2001), se configura em processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.

Busca-se uma compreensão de letramentos digitais, da cultura da tela digital e da cibercultura, investigando um novo sentido que essa palavra, recém-introduzidos no contexto de uma cultura do papel, e nela ainda não plenamente compreendidos.

O mundo contemporâneo presencia a introdução de novas modalidades de práticas sociais de leitura e de escrita, propiciadas pelas recentes tecnologias de comunicação eletrônica – o computador, a rede (*a web*), a *Internet*.

É, assim, um momento privilegiado para, na ocasião mesma em que essas novas práticas de leitura e de escrita estão sendo introduzidas, captar o estado ou condição que estão instituindo: um momento privilegiado para identificar se as práticas de leitura e de escrita digitais, o letramento na cibercultura, conduzem a um estado ou condição diferente daquele a que conduzem as práticas de leitura e de escrita quirográficas e tipográficas, o letramento na cultura do papel. (SOARES, 2002, p.146).

Ao contrario do que ocorre quando o papel é plano de escrita, no computador, o espaço de escrita é a tela. A escrita eletrônica permite a quem escreve ou lê, acesso em cada momento, apenas ao que é exposto no espaço da tela. Para Soares (2002), o que está escrito antes ou depois fica oculto, embora haja a possibilidade de ver mais de uma tela ao mesmo tempo, exibindo uma janela ao lado de outra, mas sempre em número limitado.

Certamente nossos textos mudaram, e surge a necessidade de repensar o conceito de leitura. O processamento do texto sugere que está acontecendo basicamente da mesma forma na cabeça do leitor, mas ao acreditamos ser esse o momento certo para procurarmos novos ângulos para revermos essa noção, quem sabe não será possível encontrarmos respostas para as inúmeras perguntas a que temos tentado responder a respeito da construção do sentido em tela.

Os letramentos digitais para melhor compreensão, devem ser situados, porém é preciso esclarecer o sentido de “situado”. Não são apenas letramentos que existem e circulam em domínios e contextos geográficos, culturais, institucionais, e históricos específicos, mas também de que esses contextos (domínios, instituições etc.) são também produzidos por letramentos específicos. Para Buzato (2009) existe sempre relação de co-produção e de recursividade.

Os novos letramentos/letramentos digitais são particularmente importantes para pensarmos em apropriação tecnológica com vistas a transformações sociais, porque eles habilitam contingencialmente aquilo que autores como Lankshear e Knobel (2007) qualificam como uma nova mentalidade que enfatiza a participação, em detrimento da publicação editorial, o conhecimento (técnico) distribuído em lugar do conhecimento (técnico) centralizado, a partilha de conteúdos em vez da propriedade intelectual privada, a experimentação em oposição à normatização, enfim, a troca colaborativa, a quebra de regras criativa e o hibridismo em lugar da difusão de conteúdos, do policiamento e da pureza. [...] são, portanto, ao mesmo tempo, produtores e resultados de apropriações culturais (mas também institucionais, sociais e pessoais) das tecnologias digitais. (BUZATO, 2009, p. 2).

A visão de leitura que temos hoje precisa extrapolar o que a Linguística tem tradicionalmente entendido como texto. Sabemos que a linguística costuma restringir a noção de texto ao signo verbal.

No entanto, atualmente, é preciso que o texto seja visto como uma unidade que comporta, além dos elementos linguísticos, elementos de outras modalidades não verbais, que, juntamente com o verbal, vão contribuir para a emergência de significados. (KRESS, 1989, apud COSCARELLI, 2010, p.38).

Os novos letramentos levam em conta as mudanças relativas aos meios de comunicação e à circulação da informação, a ampliação contínua de acesso às tecnologias digitais da comunicação e da informação, a diversificação da circulação da informação nos meios de comunicação analógicos e digitais, que, por isso mesmo, distanciam-se hoje dos meios impressos, muito mais morosos e seletivos, implicando mudanças significativas nas maneiras de ler, de produzir e de fazer circular textos nas sociedades.

Segundo Chartier (1998, p. 88-91):

O novo suporte do texto permite usos, manuseios e intervenções do leitor infinitamente mais numerosos e mais livres do que qualquer uma das formas antigas do livro. [...] O leitor não é mais constrangido a intervir na margem, no sentido literal ou no sentido figurado. Ele pode intervir no coração, no centro. [...].

Beaudouin (2002) argumenta que:

O texto eletrônico altera as relações entre leitura e escrita, autor e leitor; altera os protocolos de leitura. Uma de suas particularidades é a de que leitura e escrita se elaboram ao mesmo tempo, numa mesma situação e num mesmo suporte, o que é nitidamente diverso da separação existente entre a produção do livro (autor, copista, editor, gráfico) e seu consumo pelo leitor nas eras do impresso ou do manuscrito. Isso porque a *Internet*, por sua estrutura hipertextual, articula espaços de informação a ferramentas de comunicação, propondo um conjunto de dispositivos interativos que dão lugar a novos escritos. (BEAUDOIN, 2012, p.35).

Nas pesquisas empíricas sobre a leitura em ambientes digitais, Daley (2010) mostra que os sujeitos apresentaram dificuldade para lidar com a versão do hipertexto que explorava, ao mesmo tempo, elementos verbais e não verbais. Depois de pouco tempo de uso do hipertexto, o desempenho dos sujeitos que liam a versão híbrida, melhorou muito em comparação com o dos sujeitos que liam as outras versões. Isso indica que foi preciso um tempo para que os sujeitos dominassem os mecanismos dessa versão, mas que, “uma vez compreendida sua lógica, a navegação e a compreensão dos textos gerou melhores resultados, indicando um dinamismo da construção dos sentidos.” (COSCARELLI, 2010, p.40).

O termo hipertexto foi definido em primeira mão por Ted Nelson, op. cit. p.6, no início dos anos 60, significando uma leitura não sequencial, não linear. Um texto com várias possibilidades de percurso de leitura, permite aos leitores fazer escolhas, e que são melhor lidos numa tela interativa.

O hipertexto pode apresentar-se no texto digital com palavra, conjunto de palavras, ícones ou imagens. Está sempre conectado a um *link* que quer dizer "atalho", "caminho" ou "ligação". Através dos *links* é possível produzir documentos não lineares interconectados com outras partes da mesma página, com outros documentos ou arquivos.

O hipertexto é um texto exclusivamente virtual que possui elemento central a presença de *links*. Esses *links* que podem ser palavras, imagens, ícones etc., remetem o leitor a outros textos, permitindo percursos diferentes de leitura e de construção de sentidos a partir do que foi acessado e conseqüentemente, pressupõe certa autonomia de escolha dos textos a serem alcançados através dos *links*. (GOMES, 2011, p. 15).

O ato de navegar ou surfar na *Internet* possibilita o acesso a uma sequência de *links*. Estes agregam interatividade no documento. Ao leitor torna-se possível localizar rapidamente conteúdo sobre assuntos específicos.

Dito de outra forma, Buzato (2009) descreve que podemos nos apropriar das novas tecnologias para fazer um caminho a outros *ethos*, os quais consideramos mais propício a uma educação voltada para a liberdade, a autonomia, a democracia, etc.

Os novos letramentos/letramentos digitais são, portanto, ao mesmo tempo, produtores e resultados de apropriações culturais (mas também institucionais, sociais e pessoais) das tecnologias digitais. Essas apropriações põem em evidência processos e conflitos socioculturais que sempre existiram, e que não deixarão de existir, mas também abrem a possibilidade de transformações (inovações, aberturas de sentido, instabilidades estruturais, etc.) que ações e/ou políticas educacionais e/ou de inclusão social (digital) deveriam aproveitar, ou, ao menos, não ignorar. (BUZATO, 2009, p.3).

Os letramentos digitais demandam leituras críticas das imagens que ora circulam com intensa velocidade na *web*. A leitura, agora na tela do computador e outros dispositivos eletrônicos, trouxe para interpretação textos, sons, cores, e imagens, simultaneamente. Daley (2010) sugere a expansão da definição de letramentos (mesmos os digitais), pois a tela transformou o vernáculo corrente e linguagem multimidiática é capaz de construir significados complexos independente do texto. A diversificação das mídias com suas múltiplas camadas simultânea faz mais do que realçar ilustrações, ela está relacionada ao afetivo e a subjetividade. A multimídia demanda uma atenção ao design, à navegação e à construção de interfaces.

“Cria-se” e “constrói-se” mídia ai invés de escrevê-la, e “navega-se” em e “explora-se” mídias ao invés de tê-la. O processo é ativo e interativo e frequentemente social, permitindo muitos pontos de vista. As técnicas de produção física usadas para se fazer multimídia é, na maioria das vezes, um ato de colaboração. [...] são feitas para serem vistas em contextos que vão além daqueles que são produzidos. (DALEY, 2010, 485-486).

As tecnologias digitais têm ressaltado cada vez mais a linguagem visual e as imagens passaram a chamar atenção, fazendo surgir uma nova prática de leitura. De fácil compreensão as imagens não dependem de idiomas para serem entendidas em qualquer parte do mundo. Podem ser expressas por meio dos diversos uso das cores, composições e estruturas. Esses fatores possibilitam a exploração dos sentidos - muito eficaz para comunicação -, entretanto, pouco é estudado no âmbito escolar.

A pedagogia da imagem influenciou de forma crítica o trabalho dos educadores. Para Sardelich (2006) a pedagogia da imagem situa-se no marco teórico dos Estudos Culturais.

É nesse sentido que considera a produção de imagens como um desses mecanismos educativos presentes nas instâncias sócio-culturais. As imagens não cumprem apenas a função de informar ou ilustrar, mas também de educar e produzir conhecimento. [...] a leitura crítica implica a aprender a apreciar, decodificar e interpretar as imagens analisando tanto as formas como elas são construídas e operam em nossas vidas, como o conteúdo que comunicam em situações concretas. (SARDELICH, 2006, p. 459).

Para uma leitura crítica, é necessário um letramento crítico. E esse é outro espaço de atuação escolar. Rojo (2012) argumenta que é necessário transformar o consumidor crítico em analista crítico. “E para tanto, são necessários critérios analíticos que requerem uma metalinguagem (um conjunto de conceitos) e extraposições.” (ROJO, 2012, p.28).

3.3 Formação do professor para o uso das tecnologias

As tecnologias de informação e comunicação (TIC) estão revolucionando o mundo e têm provocado rápidas e profundas mudanças na sociedade. Esses processos de mudanças incluem o mundo da educação, da escola e de seus atores principais: professores, alunos, coordenadores pedagógicos e diretores. Como consequência, novas maneiras de pensar e conviver com as tecnologias no âmbito da escola estão sendo debatidas nas esferas do governo, da academia e do setor privado.

A formação dos professores para ensino superior nesse ambiente escolar com interatividade digital tem requerido muito mais do que simplesmente fornecer mais recursos tecnológicos às instituições educacionais.

Uma nova postura é requerida diante do modelo centrado no falar-ditar, que pode ser abandonado. O uso das novas tecnologias requer um docente desafiador, provocativo à colaboração. Permite-se aos discentes associações, simulações, reformulações e modificações nas mensagens. Para Silva (2011), o professor tem condições de ser a ponte entre as informações e o conhecimento.

A ponte, agora tecnológica e interativa, somente será construída se a estiver preparada estruturalmente para o novo contexto escolar. Além dos computadores, é

requerida uma rede digital, infovias que permitam o fluxo de informações utilizadas.

No entanto, mais complicado do que aprender a usar este ou aquele programa, é encontrar formas produtivas e viáveis de integrar as NTICs no processo de ensino-aprendizagem, no quadro dos currículos atuais e dentro dos condicionalismos existentes dentro de cada escola. [...] Tal como o aluno, professor acaba por ter de estar sempre a aprender. (PRIMO, 2006, p.76).

As tecnologias digitais na educação propõe uma forma de subverter o uso do computador, pois permite trabalhar com fatores que vão muito além da simples inclusão da máquina no cotidiano escolar. A apropriação da tecnologia da informação e comunicação implica em uma reestruturação no sistema global da instituição de ensino. É preciso saber lidar com as outras linguagens e conhecer a melhor forma de concatená-las, a fim de obter um bom resultado.

É fácil encontramos entre os professores, diversas atitudes quando se deparam com as novas tecnologias de informação e comunicação - NTICs. Alguns lançam olhares de desconfiança e adiam o máximo possível suas atualizações.

Outros, mesmo já familiarizado com as tecnologias digitais, não sabem muito bem como utilizá-las na prática docente. Alguns procuram usar as tecnologias nas suas aulas sem, contudo, alterar as suas práticas decentes. Poucos tomam coragem e desbravam novos caminhos, explorando novas possibilidades, porém frequentemente se defrontam com inúmeras dificuldades.

“Em geral, os professores, em todos os níveis de escolarização, têm usado as tecnologias para continuar a fazer o que eles sempre fizeram.” (SNYDER, 2010, p. 263).

A “*Web 2.0*” possibilita a lógica da participação e colaboração, da inteligência coletiva e com ampla possibilidade de intensificação das relações sociais.

Na *Web 2.0*, o *mindset*¹⁷, é orientado para outras formas de agir e pensar que caracterizam a vida contemporânea, como fruto do desenvolvimento de novas tecnologias da *internet* e novos modos de fazer as coisas e novos modos de ser que são possibilitados por essas tecnologias. (LANKSHEAR & KNOBEL 2007, p.10).

¹⁷ *Mindset*. (Trad.) representa o modo dominante como vemos, compreendemos e julgamos as coisas à nossa volta, o que por sua vez norteia as nossas ações no dia a dia profissional e pessoal. Fonte: RH.com. Disponível em < <http://www.rh.com.br/Portal/Lideranca/Artigo/8157/mindset-o-nosso-maior-inimigo.html>>, acesso em 22 jul. 2013.

Toda tecnologia só é utilizada com desenvoltura e naturalidade ao longo de um processo de apropriação. No caso das NTICs na educação, o processo envolve tecnologia e pedagogia.

São desafios que conduzem o professor a um processo de adaptação e reestruturação da sua rede social e cognitiva.

Na medida em que estas tecnologias remodelam suas percepções e por consequência na forma como ele concebe a realidade e a si próprio. Cabe a ele direcionar suas aulas para um aproveitamento dos recursos tecnológicos.

O cotidiano escolar, agora informatizado coloca o docente na condição, por muitas vezes, de aprendiz não só diante de novos equipamentos mas também ele se depara com o uso de *softwares* específicos. Entretanto, mais do que aprender a usar este ou aquele programa, também é responsável em encontrar formas produtivas e viáveis de integrar ambientes virtuais de aprendizagens – AVAs no processo de ensino.

Os AVAs – Ambientes virtuais de aprendizagem são utilizados por instituições de ensino superior desde 1997. Os dispositivos, síncronos (emissor envia uma mensagem para o receptor e este a recebe quase que instantaneamente) e assíncronos (o emissor envia uma mensagem ao receptor, o qual poderá ler e responder esta mensagem em outro momento), rompem com a hierarquia entre os agentes do processo educativo, pois permite que a emissão de conhecimentos não seja tarefa exclusiva do professor

Muda o papel do professor. Ele deixa de ser o centro das atenções como o distribuidor de informações. Passa a desempenhar um “papel” de facilitador, estabelecendo os objetivos e recursos, passando de aluno para aluno ou grupo para grupo, fornecendo sugestões e apoio para a atividade e interatividade do aluno.

A formação do professor pode capacitá-lo ao uso das novas tecnologias e torná-lo apto para:

- i) Fazer uso de diferentes suportes e linguagens midiáticas (textos, sons e vídeos, computador, *internet*), em mixagens e multimídia, presenciais e *online*.
- ii) Garantir um território de expressão e aprendizagem com sinalizações que ajudem o aprendiz a não se perder.
- iii) Desenvolver um ambiente intuitivo funcional que poderá ser aperfeiçoado na medida a atuação do aprendiz.
- iv) Propor a aprendizagem e o conhecimento como espaços abertos a navegação, colaboração e criação, permitindo que o aprendiz conduza suas explorações. (SILVA, 2011, p. 256).

Essas práticas podem promover uma modificação na qualidade da sala de aula presencial, hoje fundada na transmissão de conhecimentos e nas atividades solitárias.

A postura do professor no bojo da cibercultura permite ser coletiva e cooperativa. Professores e alunos compartilham as informações que dispõem; o docente passa de instrutor para coinstrutor no processo de ensino/aprendizagem. “No ato da troca de informações, a função do educador é de incentivo à inteligência coletiva.” (BUZATO, 2009, p.10).

O uso das NTICs desafia o professor a ser um incentivador da inteligência coletiva, mantendo vivo o interesse do aluno incentivando as relações sociais.

O professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos valores dos saberes, a meditação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc. (LÉVY, 1999, p. 171).

Faz-se necessário considerar o ambiente escolar como “um todo” e as novas tecnologias da informação podem formar um modelo que integre esse universo pedagógico.

Vosgerau e Pasinato (2012) apresentaram um modelo de forma circular onde não há um único ponto de partida para a integração das tecnologias no contexto escolar (figura 3).

Ela pode começar a partir das exigências e iniciativas de uma comunidade escolar ativa e participante, a partir da equipe gestora (pedagogos e diretores), a partir da instalação de computadores e disponibilização de acesso à *internet*, a partir de atividades desenvolvidas pelos alunos que tenham essa tecnologia em suas casas, a partir de um político-pedagógico da escola, enfim, a partir das atividades pedagógicas desenvolvidas pelo professor. (VOSGERAU e PASINATO, 2012, p.2)

Figura 3 - Integração das tecnologias



Fonte: Adaptado de VOSGERAU e PASINATO (2012, p.2)

O professor tem como missão avaliar qual será o seu papel numa escola do século XXI, na qual a facilidade de acesso à informação é imensa. Surge a necessidade de tornar-se um professor-facilitador para que possa mediador o processo ensino-aprendizagem. A formação dos professores e dos métodos de ensino como os conhecemos a partir da adoção das NTICs ainda é uma questão sem resposta clara.

Toda a ecologia da educação teria de ser repensada se o objetivo fosse, de fato, a transformação: mudanças na maneira como as instituições educacionais são organizadas e financiadas; em como os professores são formados e valorizados; e em como o *hardware* e o *software* são projetados. “Sem essas mudanças amplas, apenas alterações relativamente menores nas práticas de sala de aula têm probabilidade de ocorrer.” (CUBAN, 2001, apud SNYDER, 2010, p. 265).

3.4 Blog – conceitos e origens

O termo *weblog* foi utilizado pela primeira vez em 1997 pelo norte americano Jorn Barger . Na sua origem e na sua acepção mais geral, um *weblog* é uma página na *Web*, uma publicação *online* que se pressupõe ser atualizada com grande

frequência através da colocação de textos – que se designam *posts* – e/ou imagens normalmente de pequenas dimensões (muitas vezes incluindo *links* para sítios de interesse) e apresentadas de forma cronológica. Por isso mesmo, os *weblogs* são denominados como “diários virtuais” onde as pessoas escrevem sobre diversos assuntos de interesse pessoal, onde são expressas ideias e sentimentos do autor ou profissional.

Os primeiros serviços de *weblog*, foram criados em 1999. O *Pyra Labs*, era um aplicativo digital que combinava projetos, gerenciadores de contatos e listas de tarefas. Foi aprimorado pelo *Google* e tornou-se “*Blogger*”, disponibilizado ao público em agosto do mesmo ano. Por ser gratuito e de fácil construção, dispensava conhecimentos especializados por parte dos usuários.

O *Blog* é um gênero emergente que transmuta outros anteriores. Este é o parecer de Marcuschi (2005) em sua discussão sobre gêneros do discurso eletrônico. Nos dias atuais, as práticas na “*blogosfera*¹⁸” já não contemplam a visão do autor e deram espaço a uma heterogeneidade. Nesse espaço transitam autobiógrafos, anotadores, observadores do cotidiano e até mesmo agenda, tudo praticado de forma participativa por jovens e adolescentes.

Considerando a propagação da tecnologia digital na sociedade contemporânea e as novas formas comunicativas aportadas, é relevante pensar nas suas consequências numa perspectiva menos tecnicista e mais sócio-histórica.

A complexidade sobre tema no qual, desde a década passada, proliferam as publicações, já é possível questionar se a escola preocupar-se de como se produz um e-mail e ou pode a escola tranquilamente continuar analisando como se escrevem cartas pessoais, bilhetes e como se produz uma conversação.

No ambiente virtual observa-se um gênero (padrão) de comunicação criado através de forças individuais, sociais e técnicas implícitas em uma situação comunicativa recorrente - compartilhamento da forma e conteúdos.

Em tese, todos concordam que a escrita digital é mais uma entre as diversas maneiras de usar a língua e que as normas que regem a construção de textos vão depender das situações de uso. Para Braga (2004) O *blog* representa um desses

¹⁸ *Blogosfera* é o termo coletivo que compreende todos os *weblogs* (ou *blogs*) como uma comunidade. São densamente conectados formando uma rede social.

usos. Além de ser um gênero interessante, porque é híbrido, pode ser fechado (de controle individual) ou aberto (para produções coletivas).

As diversas possibilidades de expressão e comunicação proporcionadas pelas tecnologias digitais se fazem cada vez mais presentes em nosso cotidiano contemporâneo. Textos, animações e *remix*, *entre outros*, passam a exigir o desenvolvimento de diferentes habilidades criando uma nova área de estudos relacionada com os “novos letramentos” que agora vêm providos de sons, vídeos e textos.

Esse texto eletrônico multimidiático é móvel, maleável e aberto. Segundo Chartier (2002 apud ROJO, 2012, p. 37), o leitor pode intervir em seu próprio conteúdo e não somente nos espaços deixados em branco pela composição tipográfica. Agora eles podem ser recortados, deslocados e recompostos tornando quase impossível a verificação autoral, já que são constantemente modificados numa escrita coletiva e polifônica.

Uma das características centrais dos gêneros em ambientes virtuais é serem altamente interativos, geralmente síncronos (com simultaneidade temporal), embora escritos. Isso lhes dá um caráter inovador no contexto das relações entre a fala e a escrita. Além disso, com a possibilidade, cada vez mais, com a inserção de elementos visuais no texto (imagens, fotos etc.) e sons (músicas, vozes, *podcasting*¹⁹) pode-se chegar a uma interação com a presença de imagem, voz, música e linguagem escrita, integrando os recursos semiológicos²⁰.

Nota-se também que o *blog* não é totalmente democrático (horizontal). A relação de poder faz-se presente com as possibilidades de excluir, moderar comentários ou até mesmo desabilitar essas funcionalidades. Portanto, as relações *blogueiros* e leitores são assimétricas.

Os *blogs* podem versar sobre um assunto específico ou conter apenas informações pessoais, como uma espécie de diário online.

¹⁹ Podcast: também chamados de “*podcastings*” (junção da combinação das palavras “*broadcasting*” e “*iPod*”, este último é um tocador de música portátil produzido pela Apple Computers), são arquivos de áudio transmitidos via internet. Neles, os internautas oferecem seleções de músicas ou falam sobre os mais variados assuntos exatamente como acontece nos blogs. É o popular MP3. Fonte: Folha OnLine de 20 Fev. 2006. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u19678.shtml>>. Acesso em 21 Jul. 2013.

²⁰ Semiologia: Para Roland Barthes é estudo das significações que podem ser atribuídas aos fatos da vida social concebidos como sistemas de significação: imagens, gestos, rituais, sistemas de parentesco, mitos etc. Fonte: Dicionário Houaiss Eletrônico 3.0, 2009.

Primo (2006), sugere a tipificação dos *blogs* de acordo com suas postagens e delimitações (restrições) dos assuntos nele tratado, portanto, o *blog* construído para a utilização como recurso pedagógico está inserido no gênero profissional, conforme segue:

O *blog* individual é escrito por uma pessoa com especialização em determinada área, na qual atua profissionalmente, cujo impacto pode ser identificado nos *posts*. Não importa aqui se este profissional possui educação formal em sua área de atuação. Tal atividade, contudo, acarreta certas restrições ao texto. O autor, ao assinar os *posts* como um especialista, reconhece que a credibilidade de seus textos reflete a reputação construída no tempo, em virtude do sucesso de suas ações como profissional. Mesmo que o tom dos *posts* possa ser informal, o que é dito é determinado em virtude de estratégias que visam criar ou manter frentes de atuação profissional. [...] como se vê, o *blog* é tematizado pelo trabalho e/ou especialidade do autor. Isto não quer dizer que os *posts* tenham sempre precisão inquestionável. (PRIMO, 2006, p. 3).

Existem tentativas de classificação dos *blogs* à medida que eles são criados e publicados. Porém, não há um consenso, entre os pesquisadores da área sobre essa classificação, a não ser de que nenhuma delas é absoluta e passível de constantes revisões em função das transformações às quais a “blogosfera” está sujeita. *Blogosfera* é o termo coletivo que compreende todos os *weblogs* (ou *blogs*) como uma comunidade ou rede social.

Os *blogs* vão além da exposição de conteúdos e indicação de *links* e conteúdos. Gomes (2011) entende que os *links* é uma área dentro de um texto que é a fonte ou o destino da ação de clicar.

As novas possibilidades de escrita nesse ambiente propõem mudanças nas linguagens de escrita:

A comunicação mediada pela tecnologia provoca mudanças em nossa maneira de ler e escrever. Essas mudanças surgem pela necessidade de utilizar os recursos do meio digital. Linguagens que antes eram periféricas tornam-se salientes e, em muitos casos, são as protagonistas em eventos comunicativos, como é o caso das imagens fixas ou em movimento. (GOMES, 2011, p.13).

Tendo como base que gêneros do discurso são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2005 apud PRIMO, 2006, p. 2), eles tem um impacto sobre a organização da fala e que textos são situados social e historicamente. Primo (2008) estudou os diferentes gêneros de *blogs*. Para tanto, utilizou uma matriz para tipificar os *blogs*.

A partir desses problemas e de um foco que busca valorizar tanto as condições de produção quanto as interações construídas, desenvolveu-se a matriz

ilustrada acima. Para compreender como os cruzamentos das diferentes dimensões resultam em 16 gêneros de *blogs*.

Multiplicam-se hoje os *blogs* grupais, organizacionais e até mesmo aqueles gerados automaticamente por algoritmos para a divulgação de *spams*, os chamados *splogs*. Diante de tal variedade, como diferenciar os *blogs*? Observando condições de produção como número de redatores (e suas relações) e o impacto de condicionamentos profissionais, além do estilo dos textos (reflexivos ou simplesmente informativos), este método propõe 16 gêneros de *blogs*. (PRIMO, 2006).

Para maior clareza dessa proposta, sugere o autor, que a exploração inicie pelas abas superiores - profissional, pessoal, grupal, organizacional – (figura 4).

Figura 4 - Utilização das redes sociais como pratica colaborativa de construção de conhecimento

		INDIVIDUAL		COLETIVO			
		Profissional	Pessoal	Grupal	Organizacional		
DENTRO	Auto Reflexivo	1	5	9	13	REFLEXÃO	REFLEXÃO
	Informativo Interno	2	6	10	14		
	Informativo	3	7	11	15		
	Reflexivo	4	8	12	16	REFLEXÃO	
FORA		INTERAÇÕES FORMALIZADAS		INTERAÇÕES COTIDIANAS	INTERAÇÕES FORMALIZADAS		

Fonte: PRIMO, 2006. Disponível em <http://www.ufrgs.br/limc/generos_blog.htm> . Acesso em 05 jan. 2013.

Observando-se condições de produção como número de redatores (e suas relações) e o impacto de condicionamentos profissionais, além do estilo dos textos (reflexivos ou simplesmente informativos), esta pesquisa identificou 16 gêneros de *blogs*, que serão definidos nos itens seguintes.

Neste estudo, utilizando a matriz acima figurada, o foco está lançado nos *blog* grupal informativo (matriz 11) e reflexivo (matriz 12).

O primeiro (matriz 11) possui características de produção de duas ou mais pessoas, está voltado para temas de interesse do grupo, com publicações individuais e cada participante escreve seu texto em separado.

O *blog* grupal informativo é descrito por Primo (2008) com as seguintes características:

Os *blogs* grupais informativos: grupos podem ser utilizados por grupos deste gênero para a divulgação de informações e notícias sobre interesses compartilhados. O material publicado pode ser de autoria do próprio grupo (notas sobre lançamentos e eventos) ou reprodução de releases e material jornalístico encontrado em outras publicações. O *blog* grupal informativo também pode compartilhar procedimentos e tutoriais. [...] os *blogs* grupais que simplesmente sugerem *links* ou reproduzem vídeos do *YouTube*²¹, por exemplo, são aqui também considerados informativos, por não incluírem qualquer reflexão própria sobre esse material. (PRIMO, 2006, p.77).

Cabe ressaltar que esta pesquisa tem como tema a utilização do *blog* no curso de Administração, portanto, mescla-se com a matriz 12 – grupal reflexivo - proposta pelo autor que também tem as seguintes características:

O *blog* grupal reflexivo tem característica coletiva no qual um grupo manifesta suas avaliações críticas sobre temas de interesse que aproximam os participantes que o compõem. [...] um grupo de amigos pode escrever posts individuais manifestando a opinião particular de cada um, sendo eles até mesmo contraditórios entre si. Por outro lado, os *blogueiros* podem reunir seus esforços para defender uma causa comum (como *software* livre ou ecologia). Em *blogs* [...], os interagentes podem cooperar no sentido de discutir paixões, debater preferências e publicar resenhas críticas sobre determinados produtos e assuntos. (PRIMO, 2008, p.78).

Os editores dos *Weblog* por muitas vezes contextualizam uma publicação através da justaposição com outra publicação sobre um assunto relacionado; cada publicação, considerada à luz das outras, podem ter um significado adicional, ou mesmo chamar o leitor à conclusões contrárias ao objetivo implícito de cada um. Seria demais chamar este tipo de *weblog* "mídia independente".

Enquanto os "*weblogs*" sempre incluiu uma mistura de *links* e notas pessoais. Esse tipo de escrita sofreu modificações no "*bloguespaço*", evitando escritas pessoais em favor de uma forma mais elaborada de comunicação. Ao escrever algumas linhas a cada dia, os editores do *blog* começam a redefinir essa forma midiática como um empreendimento para um público cada vez mais participativo.

Blood (2000), faz uma referencia para as transformações dos públicos (escritores e leitores) desses *blogs*:

Estamos sendo atacado por um dilúvio de dados é imprescindível criar tempos e espaços para a reflexão, ou vamos ficar apenas com nossas reações. Eu acredito fortemente no poder de *weblogs* para transformar escritores e leitores da "audiência" para "público" e de "consumidor" para "criador". *Weblogs* não são uma panacéia para os efeitos incapacitantes de uma cultura saturada de mídia, mas eu acredito que eles são um antídoto. (BLOOD, 2000, p.78).

²¹ *YouTube* é um site de compartilhamento de vídeos enviados pelos usuários através da internet.

Os *blogs* apresentam algumas características instrutivas: a economia, pois requer uma certa precisão e comunicação de ideias muito específicas. Os leitores sentem-se estimulados ao compartilhamento por parte dos escritores e leitores. Cria-se um processo de comunicação interativa.

Quando publica-se num *blog* temas discutidos em sala de aula, de imediato é proporcionada a oportunidade de comentários e respostas. É uma ferramenta que faculta e induz uma maior participação dos alunos em uma discussão acerca do tema. O mesmo tema pode ser pensado e repensado, complementado.

O trabalho de pesquisa realizado pela professora Ms. Maria de Fátima, da UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais, intitulado “*Blog* Educacional: ambiente de interação e escrita colaborativa”, conclui que a escrita com o computador cria a oportunidade para verificar o processo de compreensão textual e facilita vivenciar a escrita colaborativa:

Este trabalho demonstrou que o uso de um *weblog* educacional pode ser uma oportunidade de, além de vivenciar situações reais de leitura e escrita com o uso do computador, com um interlocutor real, pode ser também uma oportunidade para verificação do processo de compreensão textual, de análise das estratégias linguísticas cognitivas utilizadas por alunos na construção de um texto, em diferentes séries. Além disto, a oportunidade de vivenciar situações de escrita colaborativa, sugerindo situações a serem vivenciadas pelos personagens, apresentando propostas, discutindo com o autor dos *posts*, possibilita que o aluno não utilize apenas estratégias de repetição ou de parafraseamento, tão comuns nas atividades escolares, o que propiciará uma aprendizagem real da língua escrita. (FRANCO, 2005, p.56).

Sobre a redefinição dos tempos e espaços com o uso dos recursos tecnológicos orientado para o uso na educação foi possível formular uma proposta diferente de ensino, criando outras possibilidades nas práticas docentes. Não se trata, portanto, de adaptar as formas “tradicionais” de ensino às novas tecnologias da informação ou vice-versa, pois “novas” tecnologias e velhos hábitos de ensino não combinam. Na pesquisa “Potencialidades do uso do *blog* em educação”, ARAUJO (2009, p. 178) conclui:

A interação foi uma potencialidade que destacamos, a partir do uso do *blog*. É oportuno deixar claro que estamos tratando, neste estudo, da interação por meio da comunicação escrita, mediada por um recurso tecnológico – o *blog*. [...] No presente trabalho, identificamos uma interação entre sujeitos de caráter bidirecional, ou seja, uma comunicação de “mão dupla”, mediada pelo *blog*. Ocorreu interação no momento que cada mensagem postada no *blog* podia dar origem a outra mensagem, e assim por diante. Acreditamos que a interação pode redefinir as noções de espaço e tempo, oferecendo à educação a estruturação de uma nova dimensão didática. Consideramos importante essa constatação, por acreditarmos que esse fato pode estimular outros pesquisadores a realizar mais estudos envolvendo o uso do *blog*,

visando possíveis mudanças nessa instituição de ensino e, com isso, à melhoria do processo de ensino e aprendizagem.

Para essa reflexão, em que o diálogo entre os sujeitos aconteceu na forma escrita, buscou-se a informação do outro, construiu um conhecimento que, por sua vez, será transformado também em informação para ser disponibilizada para outro. É a coparticipação dos sujeitos no ato de pensar.

Araújo (2009) prossegue na sua conclusão:

Posto tudo isso, podemos considerar que o *blog* utilizado nessa pesquisa, como apoio a uma disciplina específica, nos proporcionou um ambiente dialógico, sim. Um espaço onde “muitas vozes” construíram reflexões, ideias, visões críticas e novos conceitos sob variados pontos de vista. Os resultados obtidos em nossa pesquisa confirmaram nossa hipótese de que, a utilização do *blog*, como recurso didático, pode condicionar situações favoráveis ao processo de ensino e aprendizagem e, estimular a formação de competências exigidas pelo contexto social contemporâneo, decorrente do avanço científico e tecnológico. Em contrapartida, lança também desafios que alteram as condições do trabalho docente e as atividades realizadas pelos alunos nos diversos níveis educacionais. Apesar de alguns desafios inerentes a estudos como este, podemos considerar que a discussão sobre o uso das TIC's está ganhando visibilidade no cotidiano das instituições educacionais. Porém, reiteramos, que somente o envolvimento contínuo e comprometido dos docentes e discentes, em torno de um projeto mobilizador coletivo poderá agenciar mudanças significativas. nos paradigmas da educação, que propiciem a apropriação de conhecimentos teórico-metodológicos e o desenvolvimento de práticas educativas com o uso das TIC's que redundarão em sucessivos avanços nessa área do conhecimento. (ARAÚJO, 2009, p. 179).

A dissertação “O uso de *blogs* como estratégia motivadora para o ensino de escrita na escola”, da pesquisadora Rodrigues (2009) descreve que se tratando de educação, a utilização do *blog* pelos alunos possibilita a autonomia de expressão.

O ambiente mais interativo e menos restritivo, propicia resultados positivos na prática docente, conforme relata:

Foi constatado no presente estudo que o trabalho com *blog* em sala de aula oferece aos alunos uma nova maneira de produzir leitura e escrita, permitindo que ele vá além dos muros escolares. As práticas de escrita passam a ser mais dinâmicas, interativas, participativas. O acesso online a outros gêneros virtuais e fontes de informação instiga a extensão da pesquisa. O *blog* favorece a participação coletiva, formando autores, coautores, leitores assíduos e alunos mais envolvidos com a leitura e a escrita. Para que isso ocorra, é necessário dar aos alunos maior liberdade de expressão. Essa prática pode levar ao desenvolvimento de habilidades como independência e autonomia e também favorecer o desenvolvimento da capacidade argumentativa, já que os autores do *blog* precisam envolver e convencer outras pessoas sobre seus pontos de vista. (RODRIGUES, 2009).

Os *blogs* continuam em expansão em muitas das suas potencialidades continuam ainda por explorar. No entanto, é possível encontrar alguns estudos sobre

os *blogs* e as suas aplicações em diversas áreas da sociedade, inclusive na educação.

3.5 A utilização do *blog* como prática pedagógica

Para a utilização do *blog* como prática pedagógica, a gestão do ambiente virtual de aprendizagem é fundamental para que ele possa efetivamente tornar-se um espaço em que os participantes sejam elementos ativos. Soares (2011) propõe que os participantes tornem-se coautores do processo de aprendizagem:

Compreendemos ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) como espaços que se estabelecem por meio de tecnologias digitais, ultrapassando os limites físicos da sala de aula ou a interface de um portal, de forma que o importante são as interações e os diálogos que surgem entre os atores do processo que atuam no ambiente: professores, estudantes e monitores ou tutores. Nesse sentido, um ambiente de aprendizagem pode ser entendido como um espaço social, constituindo-se de interações sociocognitivas sobre ou em torno de um objeto de conhecimento: um cenário em que as pessoas interagem, mediadas pela linguagem (comunicação) e pela interface gráfica, a partir de estratégias pedagógicas (metodologias/ protocolos). (SOARES, 2011, p. 40).

Leva-se em consideração a forma como são feitas as interações e suas dificuldades. Não pode ser descartada os interesses e as habilidades dos alunos e demais participantes desse processo. Nesse contexto, as ações não estão mais centradas no professor e dissipam nos conceitos e conteúdos que auxiliem os procedimentos que levem à aprendizagem.

Nesse espaço virtual, os *blogs* e *wikis*²² se destacam como formas colaborativas nos ambientes de aprendizagem. Em todos esses modos, Gomes (2010, p.69), destaca que o leitor tem certa liberdade para escolher os caminhos de leitura.

Não existe a obrigatoriedade da participação do aluno nesse espaço, porém é imprescindível por parte do pesquisador, o incentivo para que todos participem. Isso aconteceu com a condução dos alunos, mesmo os que já possuíam *notebooks* ou *tablets*, à sala de informática disponibilizada pela instituição de ensino. Os alunos foram incentivados pelo professor da disciplina que utilizassem o *blog* para o envio/postagens dos relatórios de atividades extraclasse.

²² Wiki é uma coleção de documentos concebidos de forma coletiva no ambiente da *Internet* que qualquer pessoa pode criar, diretamente no navegador *web* e tem origem na expressão havaiana *wiki-wiki* que significa muito rápido.

A combinação da rotina da sala de aula com o ambiente virtual foi ampliada com a possibilidade dos acessos à distância no momento em que o professor ou aluno achar conveniente.

O “aprender-pesquisando” possibilita a mescla do uso das técnicas e recursos tradicionais com as inovadoras. A escrita com o audiovisual, *links*, hipertextos, amplia o espaço de estudos do aluno. Agora a comunicação acontece em sala de aula, na *internet*, nos “chats” e nos correios eletrônicos (e-mails). Essa postura diante da Educação requer por parte dos usuários (docentes e discentes) uma flexibilização, integração, sensibilidade e domínio tecnológico. As aulas ganham a possibilidade da continuação nesse ciberespaço com uma integração das tecnologias e metodologias.

Os *blogs* podem ter características multidisciplinares, já que ler e escrever podem ser usados em inúmeros contextos acadêmicos. Disponibilizados aos alunos, os *blogs* carregavam contextos e conceitos da disciplina de Teoria Geral da Administração que podiam ser discutidos e articulados, através de interlocuções individuais ou em grupo. As ideias vão sendo construídas com base em um conteúdo educacional, previamente lecionado.

Os alunos passaram a ser autores e leitores do seu conteúdo. Notei que esses “diários eletrônicos” possibilitam os trabalhos em equipe e discussão.

Passei a utilizar como repositório e anotações das minhas aulas e os alunos tomaram como espaço de discussão dos textos e imagens disponibilizadas. As imagens e vídeos que nem sempre eram exibidas nas aulas, podiam ser postados posteriormente nos *blogs*.

Da forma como os alunos apropriam-se dos *blogs* potencializam-se as possibilidades das construções de redes sociais na *web*.

A *web* uma teia, uma complexa malha de informações interligadas, é sua própria estrutura hipertextual, que permite que cada página de cada sítio possa se conectar a qualquer outra página ou sítio da rede, ou mesmo se desconectar de alguma delas, segundo o princípio de assignificação proposto pelos filósofos Deleuze e Guattari em 1980 (os mesmos que chamaram de rizomática a estrutura da *Web*), cuja vantagem é que num rizoma rompido em um lugar qualquer, sempre haverá a possibilidade de uma religação por outro caminho, sem que a rede sofra com isso. (GOMES, 2011, p.22)

Mas é a criatividade de professores e alunos fator determinante na sua otimização. Muitas são as opções em termos de comunicação *online* às quais estamos expostos diariamente. Os *blogs* aparecem como espaços livres à produção

de autoria/coautoria. Criam, por meio de seus *links e hipertextos*, caminhos diversos para que o aluno escolha por qual labirinto no ciberespaço ele quer percorrer.

O uso do *blog* nas minhas aulas como espaço de construção e de autoria, é possível de ser visualizado na medida em que o aluno, agora com a possibilidade de “leitor interativo” de um texto, pode concordar ou discordar dos *posts*²³, expondo seu posicionamento através dos comentários. Isso pode criar novos “nós” para a rede ciberespacial.

As redes de colaboração voltadas para o estudo formam espaços de construções e reconstruções pedagógicas, entretanto, há de ter um pensamento coletivo e colaborativo agindo conjuntamente.

A autoria, item fundamental a ser considerado e mantido na comunicação, ganhou outras significações com a *Internet*. [...] A *Internet*, com seus hipertextos, fez do leitor um coautor ao permitir que este escolha o caminho de sua leitura. E os *blogs*, diários pessoais tão popularizados na divulgação de informações para a sociedade, por sua vez, permitem que os leitores adentrem no texto através dos comentários, os *posts*. (GOMES 2005, p. 86).

Os processos de autoria múltipla e colaborativa fazem parte do ambiente digital. Até o momento não se tem constatado o que são, definitivamente, essas práticas na rede, já que o aluno tem a oportunidade de traçar seu próprio caminho de leitura e “editar” o texto. Para alguns estudiosos essa forma de “transgressão” o torna um coautor

[...] a escrita é um jogo ordenado de signos que se deve menos ao seu conteúdo significativo do que à própria natureza do significante; mas também que esta regularidade da escrita está sempre a ser experimentada nos seus limites, estando ao mesmo tempo sempre em vias de ser transgredida e invertida; a escrita desdobra-se como um jogo que vai infalivelmente para além das suas regras, desse modo as extravasando. (SOARES, 2011 p. 95).

Os *blogs* como ferramenta didática cria a possibilidade aos alunos de extravasarem e percorrerem outros *blogs*, que se referem ao mesmo assunto. Bastava um click e os *links* criavam outros espaços de negociação.

Esses *links*, que podem ser palavras, imagens, ícones etc., remetem o leitor a outros textos. Percursos diferentes de leitura e de construção de sentidos são formados a partir do que for acessado. Existe o pressuposto de uma “certa autonomia” de escolha dos textos a serem alcançados através dos *links*. “É um texto

²³ *Posts* são textos que publicados nos *blogs* normalmente compostos por duas partes: título e corpo do artigo. Podem incluir imagens, vídeos ou outros conteúdos multimídia.

que se atualiza ou se realiza, se concretiza, quando clicado, isto é, quando percorrido pela seleção dos *links*". (GOMES, 2011, p. 15).

Os *blog* tem em sua constituição os *links* e hipertextos. No contexto histórico, quando Vannevar Bush em 1945, publicou o artigo "*As We May Think*"²⁴, notoriamente, assumiu a possibilidade de armazenar informações em uma espécie de microfilme com a mesma espessura do papel. Nesse contexto, tornava-se possível armazenar a Enciclopédia Britânica em uma caixa de fósforos. Uma biblioteca de um milhão de volumes pode ser compactado no tamanho de uma mesa. Tudo o que a raça humana produziu até o presente momento em forma de revistas, jornais, livros, folhetos, publicidade, pondera Bush (1945), pode ter um volume correspondente a um bilhão de livros, montado e comprimido, pode ser movimentado para qualquer lugar. A simples compressão, não é suficiente; é preciso não só produzir e armazenar um registro mas também ser possível consultá-lo.

Cada item é classificado sobre uma única rubrica, e a ordenação é puramente hierárquica (classes, subclasses, etc.). Ora! A mente humana não funciona desta forma, mas sim através de associações. Ela pula de uma representação para outra ao longo de uma rede intrincada, desenha trilhas que se bifurcam, tece uma trama infinitamente mais complicada do que os bancos de dados de hoje ou os sistemas de informação de fichas perfuradas. (BUSH, apud LÉVI, 1999, p.28).

O hipertexto surge como um novo espaço de escrita, uma escrita que possibilita que a ordenação textual se estruture de maneira variada.

Esses hipertextos tem demonstrado sua importância nos tipos de relações sociais contemporâneas? O que o faz singular é justamente a presença e utilização de constituintes internos: os nós e os links.

A base da Internet é formada pelos hipertextos. Ou seja, ao acessarmos um sitio, pode-se escolher o caminho que desejamos seguir clicando o mouse em determinadas frases ou palavras, novos textos são disponibilizados. Esta estrutura textual permite que o leitor, ao escolher a sequencia de leituras, seja coautor do texto.

A linearidade ou não dos percursos de leituras possíveis num hipertexto (*link*) pode ser um fator motivacional para a leitura. O leitor tem mais liberdade na escolha da sequencia do texto ou imagem (tabela 1).

²⁴Tradução de "*As we may Think*": Como nós podemos pensar.

Tabela 1 - Tipos de links: lineares e não lineares

LINEAR	NÃO LINEAR
Possibilitam apenas leitura sequencial dos textos; normalmente feitos para o meio impresso, mas foram disponibilizados também na <i>web</i> .	Possibilitam leituras não sequenciais; feitos genuinamente para a <i>web</i>

Fonte: Tipos de links: percurso que oferecem ao usuário. (GOMES 2011, p. 39).

Os *links* com funções endofóricas (quando levam a partes do próprio documento) ou exofóricas (quando levam para fora do documento de origem), foram disponibilizados de forma que o aluno leitor faça associações semânticas, isto é ligações a partir dos sentidos das palavras. Os *links* alteram o modo como os documentos são acessados (GOMES, 2011).

Eles (*links*) funcionam como conectivos lógicos, como elementos de coesão que orientam o leitor sobre os rumos da leitura que está fazendo. [...] os *links* são os grandes operadores da continuidade dos sentidos e da progressão referencial (ativação e reativação dos mesmos objetos ou remetentes) no hipertexto, desde que tenha os devidos *links* que permitam seguir, de forma coerente, com o projeto e os objetivos da leitura (GOMES, 2011, p. 29-30).

O hipertexto é construído de nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequencias musicais etc.) e de ligações entre esses nós (referências, notas, indicadores, com *links* – botões - que efetuam a passagem de um nó a outro). É uma coleção de informações multimodais disposta em rede para a navegação rápida e intuitiva. (LÉVY, 1999, p.44)

Explica Cavalcante (2005):

Podemos dizer que os *links* promovem ligações entre blocos informacionais (outros textos; fragmentos de informação: palavras, parágrafos; endereçamentos, etc.) conhecido como “nós”. No entanto, tais blocos não precisam de uma relação sêmica entre si, isto é, as ligações possíveis não formam a tessitura daquele texto específico, mas promovem a abertura para outros textos, embora nunca para qualquer texto. (CAVALVANTE, 2005, p.166).

Magnani (2011) caracteriza os “nós” dos textos não-lineares da seguinte forma:

Os *links* e nós que caracterizam a rede hipertextual, apenas sinalizam as possibilidades de leitura, de acordo com o que é disponibilizado pelo autor na organização de sua tessitura textual. Essa espécie de mapeamento de construção de sentido não delimita o caminho exato que o leitor irá seguir naquele ambiente virtual específico. [...] a discussão sobre a natureza do hipertexto permite pensar o próprio texto em sua materialidade, bem como as estratégias de seu pensamento em sua materialidade, bem como as estratégias do seu processamento ou do simulacro dele. (MAGNANI, 2011, p. 70).

Os hipertextos podem propor vias de acesso por diagramação ou outros instrumentos dinâmicos, como propõe Lèvy (1999):

O hipertexto ou multimídia interativa, adequa-se particularmente aos usos educativos, é bem conhecido o papel fundamental do envolvimento pessoal do aluno no processo de aprendizagem. Quanto mais ativamente uma pessoa participar da aquisição de um conhecimento, mais ele irá integrar e reter aquilo que aprender. A multimídia interativa, graças a sua dimensão reticular ou não linear favorece uma atitude exploratória, ou mesmo lúdica, face ao material a ser assimilado. É, portanto, um instrumento bem adaptado a uma pedagogia ativa. (LÉVY, 1999, p.40):

Quando um leitor se desloca na rede de microtextos e imagens de uma enciclopédia, conduz-se fisicamente seu caminho, manipulando volumes, virando páginas, percorrendo com seus olhos as colunas tendo em mente a ordem alfabética.

O uso dos meios hipermediáticos como interação no processo educativo, amplia a comunicação entre aluno e professor, bem como o tráfego de informações educacional e cultural. A educação mediada (ou intermediada) pelas tecnologias digitais proporciona a quebra de barreiras e promove a autonomia dos estudantes, que aprendem em seu próprio ritmo.

Gomes (2007) destaca a semelhança entre o texto escrito e o hipertexto da seguinte forma:

Ainda na busca das semelhanças, Rouet & Levonen são partidários da ideia de que não há limites entre texto impresso e hipertexto, pois os textos impressos normalmente trazem índices, gravuras, gráficos, tabelas, notas de rodapé, glossários etc., que permitem ao leitor fazer uma leitura não linear e visam facilitar a compreensão do texto, embora não possam garanti-la. Dessa forma, concluem os autores que, no tocante à linearidade, não existe uma diferença fundamental entre o texto impresso e o eletrônico, pois a linearidade pode ser introduzida em diferentes graus e níveis em ambos os meios. Rouet & Levonen creditam à usabilidade a grande diferença entre texto e hipertexto; para eles, no meio eletrônico é mais fácil para os leitores tirarem vantagem das características não lineares disponíveis, como no caso de leitores com deficiência de vocabulário ou de conhecimento prévio que podem beneficiar-se de graus de não-linearidade moderados, como, por exemplo, definições online e acesso a informações adicionais enquanto lêem, ou seja, a vantagem está na usabilidade. (GOMES, 2007, p. 14)

Com utilização exclusivamente no meio digital, o hipertexto tem nos *links* a possibilidade de diferentes leituras a construção de sentidos:

“Podemos dizer que a *web*, hoje, é um hipertexto aberto, pois quase tudo que está nele está conectado, os documentos podem ser acessados e acrescentados a partir de qualquer ponto, (mesmo simultaneamente).” (GOMES, 2011, p. 23).

3.6 O curso de Administração e a Teoria Geral da Administração

Embora antiga, a atividade de administrador só recentemente ganhou contornos oficiais no Brasil. Foram necessários quase 25 anos desde a criação do primeiro curso no País, em 1941, até a promulgação da Lei nº 4769, em 9 de setembro de 1965, que instituiu a profissão de nível superior, pois, até então, seus profissionais eram Técnicos em Administração, denominação que transmitia conotação de formação escolar de nível médio. Ainda assim, a aspiração dos administradores só foi totalmente atendida mais de dois anos após a publicação da lei, por meio da edição do Decreto nº. 61.934, de 22 de dezembro de 1967, que a regulamentou.

O curso de administração tem por missão avançar nas fronteiras do conhecimento na área das Ciências Sociais e Administrativas, produzindo e transmitindo ideias, dados e informações, além de conservá-los e sistematizá-los, de modo a contribuir para o desenvolvimento socioeconômico do país, para a melhoria dos padrões éticos nacionais, para uma governança responsável e compartilhada. Formar dirigentes éticos que saibam lidar com as diversidades - com visão estratégica complexa e profundo conhecimento da gestão das organizações -, para liderar os processos de mudança no país. Produzir e disseminar conhecimentos relevantes para a reflexão e a prática da administração.

O curso forma bacharéis em Administração, críticos e criativos, para enfrentar a competitividade do mercado de trabalho, competentes e comprometidos, propiciando-lhes o exercício consciente da cidadania solidária, a possibilidade de contribuírem para o processo de humanização das relações sociais.

Também propõe a atender as características econômicas de nossa região demandando profissionais bem formados, que respondam aos desafios da modernidade e que possam atuar para a melhoria das condições de vida da população e das matrizes de desenvolvimento regional.

Por acreditar que a velocidade na mudança das relações sociais, políticas e tecnológicas não permite reproduzir modelos já desgastados de educação o curso de Administração vem constantemente ousando de forma ativa e dinâmica, investindo na criatividade, no trabalho em equipe, criando a mentalidade da

capacitação continuada, o gosto pela inovação e pela investigação, que levam ao trabalho de qualidade.

Capacitar profissionais de processo de administração de organizações para uma compreensão crítica e sistêmica da realidade brasileira e internacional, refletindo sobre as condicionantes econômicas e políticas que direcionam as empresas e seus profissionais nas múltiplas relações funcionais que estabelecem.

O curso de Administração é elaborado para que o egresso possua um perfil que atenda a demanda do mercado, ou seja, esteja preparado para atuar com responsabilidade social no mercado, de forma ética, elevando o prestígio e a dignidade da profissão.

A Teoria Geral da Administração - TGA se dispõe a desenvolver a habilidade conceitual, embora não deixe de lado as habilidades humanas e técnicas. Em outros termos, se propõe a desenvolver a capacidade de pensar, definir situações organizacionais complexas, diagnosticar e propor soluções e inovações na organização.

As habilidades conceituais envolvem a visão da organização ou da unidade organizacional como um todo, a facilidade em trabalhar com ideias e conceitos, teorias e abstrações. Um administrador com habilidades conceituais está apto a compreender as várias funções da organização, complementá-las entre si, como a organização se relaciona com seu ambiente, e como as mudanças em uma parte da organização afetam o restante dela.

As habilidades conceituais estão relacionadas com o pensar, com o raciocinar, com o diagnóstico das situações e com a formulação de alternativas de solução dos problemas. Representam as capacidades cognitivas mais sofisticadas do administrador e que lhe permitem planejar o futuro, interpretar a missão, desenvolver a visão e perceber oportunidades onde ninguém enxerga nada. Na medida em que um administrador faz carreira e sobe na organização, ele precisa, cada vez mais, desenvolver as suas habilidades, (CHIAVENATO, 2003, p.4).

4 O BLOG COMO RECURSO DIDÁTICO NA DISCIPLINA DE TEORIA GERAL DA ADMINISTRAÇÃO

Este capítulo tem como objetivo relatar a experiência realizada com o blog num curso de Administração. Para tanto será explicado o que é relato de experiência, a confecção dos dois blogs e as experiências que ocorreram nas relações com professor / aluno.

O relato de experiência tem como pressuposto descrever a experiência vivenciada pelo pesquisador e seu grupo de pesquisa.

A observação, a coleta de dados e as experiências são feitas de acordo com determinados interesses e segundo certas expectativas ou ideias preconcebidas. São essas ideias e esses interesses que orientam a atividade científica (ALVES-MAZZOTI, 1999).

A observação do comportamento, a participação e o envolvimento dos alunos foram registrados como fatos ocorridos durante as atividades que estavam sendo propostas. No primeiro contato com o grupo, houve a exposição da intenção no decorrer do processo investigativo, que contou com a participação consentida dos sujeitos observados.

O tempo de permanência com no grupo foi de dois semestres letivos (2012.2/2013.1). Segundo Flick (2004), não existe um tempo ideal que possa ser prefixado. Depende do tipo de objeto, de quão rápida ou demoradamente ele se revela ao investigador, das condições em que os mecanismos internos do “objeto” se dão a conhecer ao relator e da capacidade deste em captar suas manifestações.

As ciências humanas pela sua enorme variedade de métodos específicos disponíveis vêm estabelecendo os procedimentos qualitativos para a busca de objetivos específicos. No entanto os procedimentos qualitativos não podem ser considerados independentes no processo, ou seja, encontram-se incorporados aos processos investigativos.

Alves-Mazzoti (2001) levanta um importante aspecto da aproximação do investigador com seus sujeitos via observação:

[...] quanto à interferência do observador na situação observada, pode-se argumentar que esta fica minimizada pela permanência prolongada do pesquisador do campo, pois os sujeitos, com o tempo, se acostumam com sua presença. Ou, pode-se considerar, ainda, como preferem os teóricos críticos, que as relações que se estabelecem entre pesquisador e pesquisados não são diferentes daquelas que existem na sociedade, e

como tal devem ser encaradas e discutidas. (ALVES-MAZZOTI, 2001, p.164)

Bakhtin (1992), em seu texto “Observações sobre a epistemologia das ciências humanas”, provoca uma reflexão inspiradora de uma nova atitude em relação à pesquisa. Nele, Bakhtin diz que: as ciências humanas não podem, por ter objetos distintos, utilizar os mesmos métodos das ciências exatas. As ciências humanas estudam o homem em sua especificidade humana.” (p. 303). A ação física do homem precisa ser compreendida como um ato, porém, este ato não pode ser compreendido fora dos seus “signos²⁵”, que é por nós recriado: “estudando o homem em todas as partes buscamos e encontramos signos e tratamos de compreender seu significado.” (p. 305). Numa abordagem qualitativa, o pesquisador pode partir de observações mais livres, deixando que hipóteses e ideias emerjam à medida que realiza o trabalho de pesquisa. Vale lembrar que algumas questões surgem a partir do envolvimento do pesquisador com o campo e no contato com os dados coletados.

Bodgan e Biklen (1994) destacam algumas características da abordagem qualitativa, tais como:

i) o uso de contextos cotidianos pois a preocupação é a análise de situações ou indivíduos em seu ambiente natural, valorizando, o contato direto do pesquisador com seu objeto de estudo;

ii) busca compreender amplamente o fenômeno que está estudando, olhando todos os aspectos considerando que todos os dados são importantes e merecem ser examinados;

iii) imprime um perfil mais indutivista aos pesquisadores que se decidem por utilizá-la, ou seja, demanda uma conduta de pesquisa partindo de questões amplas que só vão se tornando mais específicas e diretas no transcorrer da investigação.

Flick (2004) explica que existem várias abordagens de estudos que diferem em suas suposições teóricas no modo como compreendem o objeto em seu foco metodológico. Essas abordagens levam para três posturas básicas:

- A tradição do interacionismo simbólico, que trata dos estudos dos significados e das atribuições individuais dos sentidos;

²⁵ Signo: qualquer objeto, forma ou fenômeno que representa algo diferente de si mesmo. Ex. A balança no lugar da “justiça”. Dicionário Houaiss Eletrônico 3.0, 2009.

- A etnometodologia, interessadas nas rotinas do cotidiano e em sua produção; e,
- E as posturas estruturalistas que partem da inconsciência psicológica ou social.

Santos (2002, p.3) também explica a abordagem qualitativa como:

i) não envolve experimentação: não necessita isolar o objeto de estudo para experimentação ou decompô-lo em partes para ser analisado; ii) considera o sujeito em seu contexto sócio-cultural: é de interesse nesse trabalho, considerar o sujeito levando em conta o contexto sócio-cultural em que a experiência se processa; iii) é de base interpretativista: interessa a este estudo não a quantificação do fenômeno, mas a interpretação; iv) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto: o interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas; v) o "significado" que as pessoas dão às coisas e à sua vida é foco de atenção especial pelo pesquisador: nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a "perspectiva dos participantes", isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas; vi) é de cunho exploratório: como a produção dos *blogs* é uma prática relativamente nova, deve-se considerar a necessidade de novas formulações e categorias para melhor compreender os textos produzidos nesses *blogs*.

A abordagem qualitativa então favorece uma coleta de dados predominantemente descritivos de pessoas, situações, acontecimentos, interações e influências recíprocas e vão ao encontro ao proposto desta dissertação.

4.1 *Blogs* construídos: “blog A” e “blog B”

Weblog ou *blog* é uma página na *web* cuja estrutura permite a atualização rápida e fácil através de textos, que chamamos de *post*. São textos organizados de forma cronológica inversa, podendo ser escrito por um número múltiplo de pessoas.

Na intenção de utilizar *blog* para apoio da disciplina de T.G.A., foram construídos dois *blogs* aqui denominados de “Eu nesse mundo azul” (*blog* “A”)²⁶ e “Tenho por hipótese” (*blog* “B”)²⁷.

Entretanto, o *blog* não contém apenas textos: pode ser composto, também, por imagens, sons e *links* para outros endereços da *web*.

²⁶ Disponível em: <<http://eunessemundoazul.blogspot.com.br/>>.

²⁷ Disponível em: <<http://tenhoporhipotese.blogspot.com.br/>>.

4.1.1 Blog “A”: Eu nesse mundo azul

No “*blog A*” - Eu nesse mundo azul (figura 5) - predominam postagens e comentários de imagens. Recebeu esse nome em alusão à frase histórica “a Terra é azul” dita pelo cosmonauta soviético Yuri Alekseiévitch Gagarin (1961), primeiro homem a viajar pelo espaço. Assim como a imagem vista por uma pequena janela da capsula espacial *Vostok 1* surpreendeu o cosmonauta, as imagens em uma pequena tela digital também pode provocar reações inesperada no aluno/leitor.

Figura 5 - Blog “Eu nesse mundo azul”



Fonte: Disponível em <<http://eunessemundoazul.blogspot.com.br>>

O *blog* apresenta-se fundo na cor predominante azul, com o título em sua parte superior e destaca a imagem em sua parte central esquerda, deixando o lado direito para as opções de *podcast*, navegação, cadastro para que o aluno siga o *blog* e receba alertas a cada nova postagem além de sugestões e anotações do *blog*.

O *blog* carrega na parte inferior da página, espaços para os comentários e postagens, além de *links* gráficos em formato de ícones e botões (figura 6).

Figura 6 - Vista da parte inferior do sitio do *blog* "Eu nesse mundo azul"



Fonte: Disponível em <<http://eunessemundoazul.blogspot.com.br>> .

Para Panozzo (2010), as ideias circulam através de diferentes linguagens e suportes: vão desde as pinturas nas paredes das cavernas, passam por escritas em pergaminhos e livros. Hoje as páginas eletrônicas da rede virtual articulam a geração dos sentidos.

Por isso, ler é uma experiência que implica conhecer a natureza dos constituintes de seu objeto e compreender o arranjo de linguagens ali presentes. O leitor percorre uma intrincada rede e necessita perceber os indícios que sinalizam os itinerários de significação de diferentes sistemas que se integram em determinados textos. [...] interessa entender além dos elementos organizadores do plano da expressão, aqueles elementos do plano de conteúdo, os efeitos de sentido criados, os discursos que se produzem, as formas de subjetividade que são geradas em objetos culturais da atualidade (PANOZZO, 2010).

4.1.2 Blog “B”: Tenho por hipótese

O *blog* “B” – Tenho por hipótese (figura 7) - privilegia as postagens de textos, artigos, *links* de acesso a outras páginas da *internet*, ainda que ainda disponibilize imagens e vídeos. Todo o conteúdo da página se relaciona com os temas vistos em sala de aula.

O nome do *blog* faz alusão à rubrica filosófica onde a hipótese²⁸ é a proposição (ou conjunto de proposições) antecipada provisoriamente como explicação de fatos, fenômenos naturais, e que pode ser ulteriormente verificada pela dedução ou pela experiência.

²⁸ Dicionário Houaiss Eletrônico 3.0, 2009.

Figura 7 - Blog "Tenho por hipótese"



Fonte: Disponível em <<http://tenhoporhipotese.blogspot.com.br>>.

O *blog* disponibiliza um espaço para imagens e vídeos. No lado direito, existem *links* que direcional para uma página construída pelos alunos com perguntas e respostas. Um texto também elaborado de forma colaborativa pelos alunos também está disponibilizado com *link*. Ainda fazem parte do *blog* um menu para arquivos do *blog* e espaço para postagem e comentários dos alunos/leitores.

O *Blog* “tenho por hipótese” tem características de construção semelhante ao “*blog A*” e disponibiliza na parte inferior da página espaços para postagens e comentários dos alunos/leitores (figura 8).

Figura 8 - Parte inferior da página do blog “Tenho por hipótese”



Fonte: Disponível em <<http://tenhoporhipotese.blogspot.com.br>>

A diferença entre os dois *blogs* está na sua utilização, pois um privilegia o uso de imagens para ageração de comentários por parte dos alunos participantes, enquanto o outro, textos servem de referencia para outros comentários

4.2 Descrição dos alunos e *lócus*

O local o qual foi realizada a experiência com os *blogs* / foi a faculdade Uniesp, situada na região central da cidade de Sorocaba/SP, com 49 alunos do

curso matutino de Administração, constituído de 33 mulheres (67,39%) e 16 homens (32,61%). Grande parte dos alunos pesquisados (81,7%) tinha a idade entre 18 e 30 anos (gráficos 1 e 2). A intervenção com os *blogs* iniciou em agosto de 2012 e estendeu-se com a mesma turma até o final do primeiro semestre (junho) de 2013.

Gráfico 1

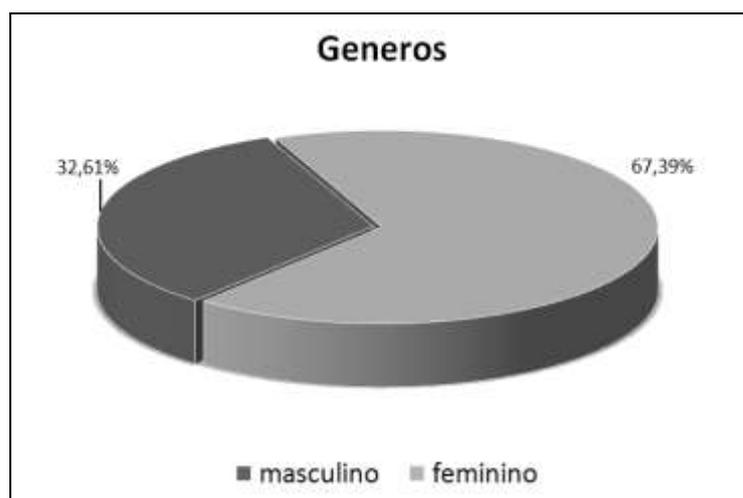
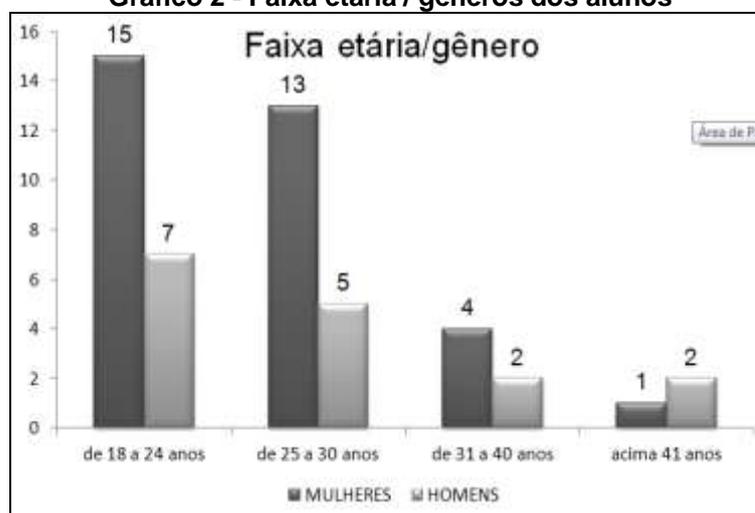


Gráfico 2 - Faixa etária / gêneros dos alunos



Nessa amostragem, 82% dos alunos já tinham conhecimento (finalidade, utilização, postagens, comentários) sobre blogs. Outros 18% relataram nunca ter acessado um *blog* e desconheciam suas características (gráfico 3).

Gráfico 3 – Conhecimento de blogs pelos alunos



Nessa amostra, 84% dos alunos relataram que utilizavam o computador com bastante frequência (uso diário) na faculdade e posteriormente, no ambiente de trabalho.

4.3 Relato de experiência

Com a hipótese do uso blog como recurso didático para que o professor disponibilizasse links, textos e vídeos complementando os conteúdos disciplinares de T.G.A., no curso de Administração, será relatado etapas dessa experiência.

Os blogs trouxeram as possibilidades da extensão do espaço físico da sala de aula, pois os acessos aos seus conteúdos poderiam ser feitos, em qualquer lugar, bastando para isso uma conexão à *web*. Essa continuidade de contato com professor/alunos/conteúdo, poderia proporcionar um maior entendimento e envolvimento com a disciplina.

Para a experiência, foram construídos dois blogs “A” e “B”, como descritos anteriormente, que tinham como propósito serem utilizados pelos alunos como um espaço de comentários e postagens de textos e artigos, sempre relacionados com a disciplina e os conteúdos passados em sala de aula.

- Etapa 1: Informações sobre o blog aos alunos

No início do segundo semestre de 2012 (agosto), o professor da disciplina de Teoria Geral da Administração, falou sobre o plano de ensino da disciplina,

também informou os alunos que tinha construído dois *blogs* e estavam à disposição para serem utilizados com assuntos relacionados com os temas que seriam estudados em sala de aula.

Foi informado que o uso dessa ferramenta era um apoio didático aos estudos da disciplina de TGA.

Os alunos participantes, caso quisessem ser alertados por e-mail toda vez que algo novo fosse postado no blog, deveriam se cadastrar nos blogs como seguidor. O aluno representante de classe se prontificou, de forma voluntária, a auxiliar na tarefa da divulgação dos blogs, utilizando para isso, o *e-mail* dos alunos da sala.

- Etapa 2: Manutenção das informações dos *blogs* e visualizações

Até o final do mês de agosto/2013, sempre ao iniciar as aulas, a sensibilização era feita pelo professor da disciplina para que os alunos visitassem os blogs.

Nesse período o blog “Eu nesse mundo azul” recebeu 25 solicitações (49%) de cadastro como seguidores de um universo de 49 alunos (figura 9).

Figura 9 - Quadro de seguidores do blog



Fonte: Blog Eu nesse mundo azul. Disponível em <<http://eunessemundoazul.blogspot.com.br>>

O blog “Tenho por hipótese” recebeu uma solicitação para cadastro de seguidores (figura 10).

Figura 10 - Seguidores do blog



Fonte: Blog “Tenho por hipótese” disponível em <http://tenhoporhipotese.blogspot.com>

4.4 Relatos das interações dos *blogs* com o conteúdo das disciplinas

Os blogs em suas estruturas, só permitem as postagens de fotos e imagens enviadas pelos alunos participantes, através do administrador do blog, neste caso o professor. Até o final de setembro de 2012, nenhum dos dois *blogs* haviam recebidos quaisquer tipos de postagens por parte dos alunos.

Em 07 de outubro de 2012, foi postado pelo professor no *blog* “A” a imagem de um homem observando, o que me parece, um novo mundo, com suas cores e planetas (figura 11).

O aluno que usou o pseudônimo de “Anônimo” (figura 11), fez em seu comentário em 17 de outubro, um comparativo com a alegoria da Caverna de Platão, onde um dos prisioneiros consegue se libertar e aos poucos, vai se movendo e avança na direção do muro e o escala, enfrentando com dificuldade os obstáculos que encontra e saía da caverna, descobrindo não apenas que as sombras eram feitas por homens como eles, e mais além todo o mundo e a natureza.

Figura 11 - O início está perto

sábado, 13 de outubro de 2012

O início está perto . . .



Anônimo 15 de outubro de 2012 11:03

Não devemos nos preocupar com as barreiras que encontramos pela frente, embora pareça difícil e com muitos obstáculos, quando estivermos por cima dela e enxergarmos do outro lado do muro, descobriremos e veremos um mundo novo, cheio de beleza!!!

Fonte: Blog Eu nesse mundo azul. Disponível em: <http://eunessemundoazul.blogspot.com.br/>

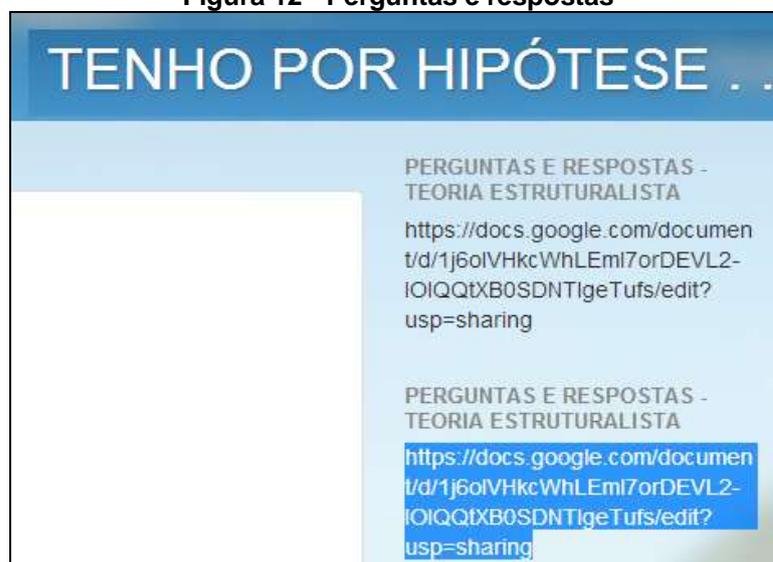
No blog “B”, também se apresentava inativo pelos alunos recebeu a primeira postagem em data de 09 novembro e até hoje não recebeu qualquer comentário. A segunda postagem em 21 de novembro recebeu dois comentários.

Cabe ressaltar que o blog “B” em sua estrutura, disponibilizava aos alunos o link para um ambiente colaborativo, onde é possível a elaboração de um texto colaborativo. Um texto em que aluno dá continuidade de forma progressiva num parágrafo já escrito por outro aluno no mesmo documento. Em quatro dias 13 páginas foram escritas e traziam figuras, gráficos e links das páginas pesquisadas por eles, no formato de hipertexto, utilizando as possibilidades hipertextuais que a escrita em tela proporciona.

O blog “Tenho por hipótese” – que trouxe como proposta as postagens de textos - teve somente a inscrição de único seguidor. Todas as 11 postagens receberam além dos textos, imagens ou vídeos, deixando evidencias de que o visual, num ambiente digital, ainda é mais requerido ao texto e que o aluno não segue com rigidez as regras previstas nesse ambiente virtual.

Outra possibilidade desse *blog* “B” foi a inserção de um link (figura 12), que conduzia o aluno para uma página virtual, destinado a receber perguntas e respostas elaboradas por eles sobre os temas vistos em sala de aula. Foram elaboradas 21 questões em cinco dias devidamente acompanhadas das repostas corretas (gabarito).

Figura 12 - Perguntas e respostas



Fonte: Blog Tenho por hipótese. Disponível em: <http://tenhoporhipotese.blogspot.com.br/>.

Os alunos ignoraram a proposta inicial do blog (textos) e continuaram a postar figuras e vídeos, sempre relacionados com os temas estudados em sala de aula na disciplina de Teoria Geral da Administração sem, no entanto, gerar comentários.

Já a figura 13, postada em 13 de outubro de 2012 no blog “A” recebeu seis comentários, dentre as eles, destaca-se o comentário do aluno que julga a frieza das empresas chinesas em relação aos seus funcionários com a frase: “[...] 300 se matam e no outro dia contratam 500 ganhando o mesmo ou menos que os suicidas [...]”.

Figura 13 - Trabalhadores suicidas

sábado, 13 de outubro de 2012

i-death



“Cerca de 300 trabalhadores escalaram em grupo o telhado da fábrica da Foxconn, divisão Microsoft, e ameaçaram atirar-se caso não lhes fossem efetuados os aumentos de salários”. (Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, Jan. 2012). Fonte: <<http://ipco.org.br/home/noticias/operarios-chineses-desesperados-o-que-fazer-por-eles>>

26 de outubro de 2012 12:26

Vc acha q para eles 300 funcionários vão fazer diferença se matando, em muitas empresas funcionários são números, 300 se matam e no outro dia contratam 500 ganhando o mesmo ou menos q os suicidas recebiam... empresas sentem com o bolso e não com o coração.

Fonte: Blog Eu nesse mundo azul. Disponível em: <http://eunessemundoazul.blogspot.com.br/>.

Um “rapper” (figura 14) que normalmente faz críticas à sociedade capitalista, virou garoto-propaganda de duas empresas da alta tecnologia: Intel e LG. O comentário do aluno associa astúcia e oportunidades com uma visão empreendedora, descartando a sorte.

Figura 14 - Rapper empresário

O RAPPER EMPRESÁRIO



O rapper empresário
Garoto-propaganda da Intel e da LG, o compositor Emicida
faz bons negócios com o gerenciamento de artistas,
comércio eletrônico e redes sociais. [Veja mais](#)

17 de outubro de 2012 03:42

Depois tem pessoas que só acreditam na sorte, esse cara é prova viva do sucesso com visão de empreendedor e astúcia, parabéns isso é ter visão, como diz um amigo " Olhar aonde os outros não olham"

Fonte: Blog Eu nesse mundo azul, disponível em: <http://eunessemundoazul.blogspot.com.br/>.

Seguindo o cronograma das aulas de TGA, a experiência de Hawthorne trazia o relato de que a recompensa salarial, mesmo quando efetuada em bases justas ou generosas, não era o único fator decisivo na satisfação do trabalhador dentro da situação de trabalho, gerou a postagem no blog da figura 15:

Figura 15 - Diferença entre chefe e líder

terça-feira, 30 de outubro de 2012

DIFERENÇA ENTRE CHEFE & LÍDER . . .



**Diferença Entre
Chefe & Líder**

Dirige empregados	...Treina-os
Depende da autoridade	...Da boa vontade
Inspira medo	...Gera entusiasmo
Diz, "Eu"	...Diz, "Nós"
Culpabiliza pelas falhas	...Corrige as falhas
Sabe como se faz	...Mostra como se faz
Usa pessoas	...Desenvolve pessoas
Fica com os créditos	...Dá créditos
Ordena	...Pergunta
Diz, "Vão"	...Diz, "Vamos"

Fonte: Blog Eu nesse mundo azul. Disponível em: <http://eunessemundoazul.blogspot.com.br/>.

A postagem da figura 15, gerou os seguintes comentários:

- “Apesar da postura do líder ser mais aceita, sempre o crédito vai para chefe. Gostaria de entender a mente dos empresários. Na minha opinião eles fazem

coisas que nem de longe eu aprovaria, mais quem sou eu!!!! Por isso que fazendo Administração, muita coisa já esta sendo esclarecida. Seria ideal uma fusão chefe e líder.”

- “Seria muito bom se um líder soubesse facilitar como deveriam, mas é totalmente o contrario, no meu caso.”

- “Acredito que uma das coisas que dificulta a passagem de uma pessoa a ser chefe é que muitas vezes a autoridade lhe sobe a cabeça e achando que tudo pode, acaba perdendo a postura de alguém que deveria dar exemplos bons.”

Fica claro o impacto da imagem quando relacionada com os textos estudados em sala de aula. Os comentários proporcionados pela figura 16, trazem em seu bojo percepções, propostas de mudanças, autoanálises e até mesmo cobranças por posturas éticas.

No segundo semestre (novembro) de 2012, as postagens recebiam em média 6 comentários. Algumas figuras com propósitos mais reflexivos – como a de Jean Paul Sartre (figura 16) - também recebiam por parte dos alunos, comentários que traziam reflexões pessoais que apoiavam-se nos conteúdos passados em sala de aula.

Figura 16 - Jean Paul Sartre



Fonte: Blog Eu nesse mundo azul, Disponível em: <http://eunessemundoazul.blogspot.com.br/>.

A partir de março de 2013, como parte da experiência, deixei de usar e estimular o uso dos blogs nos meus comentários em sala de aula. O uso, postagens e comentários também foram diminuindo até que se chegasse na ultima postagem

no blog, dia 30 de março de 2013 (figura 17). O aluno autor da foto fez uma citação de Roland Barthes, mas não houve qualquer comentário.

Figura 17 – Fotografias



Fonte: Blog Eu nesse mundo azul. Disponível em: <http://eunessemundoazul.blogspot.com.br/>.

Após o dia 30 de março de 2013, não houve mais postagens de fotos ou comentários, por mais que o blog estivesse à disposição dos alunos. Durante o período que os alunos utilizaram o blog “Eu nesse mundo azul” teve 23 postagens foram realizadas, 129 comentários e teve 26 seguidores inscritos (figura 18)

Figura 18 - Visão geral do blog



Fonte: Blog Eu nesse mundo azul. Disponível em: <http://eunessemundoazul.blogspot.com.br/>.

As estatísticas do blog “B” demonstram que os assuntos relacionados diretamente com a disciplina e conteúdos de sala de aula receberam um número maior de visualizações que foram diminuindo à medida que a postagem se afastava do tema central (figura 19).

Figura 19 - Estatística de visualizações no blog "B"



Fonte: Blog Tenho por hipótese. Disponível em: <http://tenhoporhipotese.blogspot.com.br/>.

Com a experiência de adotar e incentivar o blog como recurso didático nas aulas da disciplina de Teoria Geral da Administração nos meses de outubro-novembro/2012, foi possível constatar através das notas dos alunos um aumento médio de 21,2% (anexo A) em relação ao bimestre anterior formado pelos meses de agosto-setembro/2012.

Como parte da experiência, no primeiro semestre do ano de 2013 (março-abril), não houve mais o uso dos blogs na minha disciplina de T.G.A. Foi possível

notar uma redução média nas notas dos alunos de aproximadamente 13% (anexo A). Essa redução também foi percebida por alguns alunos que solicitaram através de e-mails (de 18 a 22 de abr.2013) a retomada para o próximo semestre, do uso dos blogs em nossa disciplina (anexos C - G).

A postura dos alunos – cinco formalizando por e-mail, outros fazendo de forma verbal – reivindicando a retomada do uso dos blogs, sugere a necessidade da presença do professor como um incentivador e mediador das atividades escolares nessa ambiente virtual. No momento em que eles solicitaram permissões para o uso de um recurso que está disponível na web ficou claro que não houve uma apropriação, um pertencimento por parte deles em relação aos blogs.

A presença do professor como administrador dos blogs pode ter sugerido um caráter de propriedade dos blogs, ensejando a necessidade da permissão para o uso desse recurso por parte dos alunos.

Nos relatos feitos pelos alunos em 05 de maio de 2013 (anexo “B”), estavam presentes frases como: “estudar com áudio e foto é mais prazeroso”; “através dos blogs o ato de estudar fica mais descontraído”; “estamos tendo contato direto aos assuntos abordados em sala de aula”.

Mesmo com frases positivas sobre a utilização dos blogs, não foi possível notar uma autonomia por parte dos alunos, na utilização desse recurso didático nos estudos, apesar da possibilidade de uma interação entre eles e o professor diante de um determinado tema.

Por desconhecer as dinâmicas dos blogs e dos alunos, houve uma inabilidade do professor no uso dessa ferramenta didática na disciplina de Teoria Geral da Administração.

A possibilidade da criação de uma monitoria com os alunos para que eles assumam os blogs, pode proporcionar um incentivo no uso dessa ferramenta com efetividade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do relato de experiência, foi possível identificar e caracterizar algumas dinâmicas existentes nos blogs, servindo de referencial teórico e estímulo para posteriores estudos e investigações sobre a utilização dos blogs na educação.

Constatou-se através do relato de experiência que a utilização dos blogs como recurso na educação, vai depender principalmente da epistemologia do professor com suas concepções de aprendizagem, conhecimento e o aluno, para apoiar a sua prática docente.

Destacou-se que entre as várias possibilidades da utilização dos blogs: i) como fonte de informações temáticas relevantes, externas à faculdade; ii) como repositório de informações pesquisadas e sintetizadas pelo professor e alunos; iii) como espaço de colaboração e integração professor/aluno/conteúdo.

A experiência trouxe algumas utilizações dos blogs como recurso didático no ensino superior, pois continuam sendo explorados e a cada dia, surgem novas formas de uso das suas potencialidades na educação. Cabe ao professor, caso queira utilizá-las, familiarizar-se com as novas tecnologias da informação e comunicação - NTICs, propondo atividades e estratégias diferenciadas para a utilização dos blogs pelos alunos em suas disciplinas.

O relato também reafirma a necessidade de ampliar o espaço para discussão deste tema. Entre as pesquisas que podem seguir em decorrência deste relato até aqui realizado estão:

- Investigar novas possibilidades de utilização dos blogs como recurso e como estratégia pedagógica, verificando a eficácia como motivação na aprendizagem dos alunos; e,

- A realização de uma pesquisa na qual se pudesse investigar a existência de uma aprendizagem real por parte dos alunos do curso superior, utilizando os blogs como recurso didático.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTI, Alda J.. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Thomson Learning, 2001.

ARAÚJO, Michele. M. U.. **Potencialidades do uso do blog em educação**. Natal: UFRN, 2009. 208 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BEAUDOUIN, Béguier V.. **De la publication à la conversation. Lecture et écriture électroniques. Réseaux**, 2006, p.119-199. Disponível em: http://www.cairn.info/article.php?ID_REVUE=RES&ID_NUMPUBLIE=RES_116&ID_ARTICLE=RES_116_0199 . . Acesso em : 26 mar. 2012.

BLOOD, Rebecca. "**Weblogs: A History and Perspective**", Rebecca's Pocket. 07 September 2000. Disponível em: http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html . Acesso em 07 jan. 2013.

BUZATO, Marcelo. E.. **Letramentos digitais, apropriação tecnológica e inovação**. III Encontro nacional sobre hipertexto, Belo Horizonte, 29 -31 out. 2009. Disponível em <http://www.ufpe.br/nehte/hipertexto2009/anais/g-l/letramentos-digitais-apropriacao-tecnologica.pdf>. Acesso em 06 nov. 2012.

CANCLINI, Nestor. G.. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2001.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Trad. Roneide Venancio Majer. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. A rede torna mais difícil a opressão. **Jornal Zero Hora**. Porto Alegre, RS, 09 jun. 2013. Entrevista concedida a Carlos André Moreira. Disponível em <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/segundo-caderno/noticia/2013/06/manuel-castells-apresenta-conferencia-no-ciclo-fronteiras-do-pensamento-4164556.html>. Acesso em 30 ago 2013.

CAVALCANTE, Marcos. C.. **Mapeamento e produção de sentidos: os links no hipertexto**. 2.ed. São Paulo: Lucerna, 2005.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Reginaldo Carmelo Correa de Moraes (trad.). São Paulo: Unesp, 1998.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração: uma visão abrangente da moderna administração das organizações** 7. ed. rev. e atual. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

COSCARELLI, Carla.V.. Leitura: um processo cada vez mais complexo. **Revista Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 35-42, jul./set. 2010. Disponível em < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/ojs/index.php/fale/article/viewFile/8118/5807>> . Acesso em 22 dez. 2012.

DALEY, Elizabeth. Expandindo o conceito de letramento. Trad. Solange Gervai (PUC/SP). **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, 49 v. 2, p. 481-491, jul./dez. 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2011. 2 v.

DEMO, Pedro. Olhar do educador e novas tecnologias. **Boletim Técnico do Senac: Rev. Educação profissional**. Rio de Janeiro, v. 37, nº 2, mai./ago. 2011. p.15-26.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Sandra Netz. 2 ed., Porto Alegre: Bookman, 2004.

FRANCO, Maria de F.. **Blog Educacional**: ambiente de interação e escrita colaborativa. Disponível em <http://penta3.ufrgs.br/PEAD/Semana01/blogeducacionalsbie2005.pdf>. Acesso em 20 jul. 2013

GOFFMAN, Ken; JOY, Dan. **Contracultura através dos tempos**: do mito de Prometeu à cultura digital. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

GOMES, Luiz F.. **Hipertextos multimodais**: leitura e escrita na era digital. Jundiaí: Paco, 2010.

_____. **Hipertexto no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2011

_____. Redes sociais e a contracultura: a escola fora da escola. In: **Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação**, 3, 2010. Recife. Anais... Recife, 2010, p.1-23.

GOMES, Maria J.. Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica. **VII Simpósio Internacional de Informática Educativa SIIES05**. Leiria, Portugal, 16-18 Nov. 2005

GOERGEN, Pedro. **Pós-modernidade, ética e educação**. Campinas: Editores Associados, 2005

SILVA, Franklin L.. A questão ética. In: **Revista Scientia Studia**. Departamento de Filosofia/USP, p. 53-66, 2007. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/v082/a_di_mensao.pdf>. Acesso em 18 nov. 2012.

SÁ, Alexandre F.. O tempo na imagem do mundo. In: **Caminhos da floresta**. Lisboa: Gulbenkian, 1998. p. 85-108. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/trans/v34nspe2/a07v34nspe2.pdf>>. Acesso em 22 set.2012.

KENSKI, Vani M.. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 2 ed. Campinas: Papyrus, 2007

KOMESU, Fabiana. C.. *Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet*. In: MARCUSCHI, Luiz. A. e XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais**. 2ªed. Rio de Janeiro, RJ: Lucerna, 2005.

_____ **A escrita das páginas eletrônicas pessoais da internet: a relação autorherói/ leitor**. Dissertação (Mestrado) em Lingüística. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas (SP): /s.n./, 2001.
Orientador: Maria Bernadete Marques Abaurre.

KRESS, Gunther. **Multimodality**: challenges to thinking about language. Disponível em < http://esoluk.co.uk/digibooks/pdfs/Multimodality_TESOL_Classroom.pdf > .
Acesso em 23 mar. 2013.

LANKSHEAR, Collin.; KNOBEL, Michelle. **Sampling “the new” in new literacies** (p. 1–24) In _____.(Eds.) *A new literacies sampler*. New York: Peter Lang, 2007.

LEMKE, Jay. L. **Metamedia literacy**: transforming meanings and media. In: D. REINKING, L. LABBO, M. MCKENNA, e R. KIEFER (Eds.). *Handbook of literacy and technology: transformations in a post-typographic world*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1998. p. 283-301.

_____ **Letramento multimidiático: transformando significados em mídias**. Revista Trabalho em Linguística Aplicada 49: 455-479. Campinas: IEL/UNICAMP 2012. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-18132010000200009&script=sci_arttext . Acesso em 12 fev. 2013.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cibercultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulinas, 2010.

_____. Ciber-cultura-remix. **Seminário “Sentidos e Processos”**, São Paulo, Itaú Cultural, ago.2005. Disponível em:

<http://www.hrenatoh.net/curso/textos/andrelemos_remix.pdf>. Acesso em 20 jul. 2013.

LÈVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed.34, 1999

MAGANANI, Luiz H.. **Um passo para fora da sala de aula: novos letramentos, mídias e tecnologias. Letramentos e Multiletramentos no Ensino de Línguas e Literaturas**. Revista X, vol. 1, 2011.

MARCUSCHI, Luiz A.. A coerência no hipertexto. **I Seminário sobre hipertexto**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000a. 17p.

MORIN, Edgar.. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 9.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PANOZZO, Neiva S.P.. **Caminhos enquadrados**. Congresso Internacional de Filosofia e Educação. Caxias do Sul. Maio de 2010. Disponível em <http://www.ucs.br/site/midia/arquivos/Caminhos_enquadrados.pdf> . Acesso em 09 jan. 2013.

PRIMO, André; SMANIOTTO, Ana M. R.. Comunidades de *blogs* e espaços conversacionais. **Prisma.com**, v. 3, p. 1-15, 2006. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/insanus.pdf>> . Acesso em 05 Jan 2013.

_____. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

RODRIGUES, Cláudia. **O uso de blogs como estratégia motivadora para o ensino de escrita na escola**. Campinas: UNICAMP, 158 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

ROJO, Roxane H.R.. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**

(2004). Disponível em:

<http://suzireis.bravehost.com/posgraduacao/artigos/roxane_rojo.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2012.

_____. A sequencia didática a serviço dos multiletramentos: o trabalho com minicontos multimodais. In: MOURA, Eduardo (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____. **Multiletramentos**: práticas de leitura e escrita na contemporaneidade (2010). Disponível em: <http://public.me.com/rrojo> . Acesso em 6 jul. 2012.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor emersivo. São Paulo: Papilus, 2010.

SANTOS, Boaventura de S.. Os Processos da Globalização. In SANTOS, Boaventura de Souza (org.). **A Globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

SARDELICH, Maria E.. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. **Caderno de Pesquisa**, v.36, n.128, p.451-472, mai/ago. 2006 .

SILVA, Marcos. **Sala de aula interativa**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

SILVEIRA, Sergio A.. **Cidadania e redes digitais**. 1 ed.São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil : Maracá – Educação e Tecnologias, 2010. Disponível em: < http://www.cidadaniaeredesdigitais.com.br/_files/livro.pdf > . Acesso em 10 Jan 2013.

_____. A rede a liberdade de criação. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 01 abr.2013. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/1255169-sergio-amadeu-da-silveira-a-rede-e-a-liberdade-de-criacao.shtml> . Acesso em 30 ago. 2013.

SNYDER, Ilana. Antes, agora, adiante: hipertexto, letramento e mudança. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.26, n.03, dez. 2010, p.255-282.

SOARES, Eliana M.S.; et al. Convivência e aprendizagem em ambientes virtuais: Uma reflexão a partir da biologia do conhecer. In: **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.27, n.03, p.39-60,dez. 2011. Disponível em <
<http://www.scielo.br/pdf/edur/v27n3/v27n3a03.pdf>> Acesso em: 17 jan. 2013.

SOARES, Magda. **Letramento**: Um tema em três gêneros. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**. V. 23, n. 81, dez. 2002, p. 143-162.

TARDIF, Maurice. **O trabalho docente**: elemento para uma teoria como uma profissão de interações humanas. Trad. João Batista Kreusck, 5 ed. Petropolis: Vozes, 2009.

VOSGERAU, Dilmeire S. A. R.; PASINATO, Nara M.B.. **TIC na educação no Brasil**: O acesso vem avançando. E a aprendizagem? Disponível em <
<http://op.ceptro.br/cgi-bin/cetic/tic-educacao-2011.pdf>> 2012, p. 2. Acesso em 01 jul. 2013.

**APÊNDICE A – RELAÇÃO DAS NOTAS BIMESTRAIS DOS ALUNOS DO
1ºSEMESTRE DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO**

CURSO: ADMINISTRAÇÃO		DISCIPLINA: TEORIA GERAL DA ADMINISTRAÇÃO		
COD NOME	Idade	ago./set. 2012	out./nov. 2012	mar./abr.2013
		Nota 1º Bim/2012-2	Nota 2º Bim/2012-2	Nota 1º Bim/2013-1
AAC41MAS	Acima 41 anos	7,00	9,00	7,50
AJO41MAS	Acima 41 anos	5,50	7,00	6,00
AAA41FEM	Acima 41 anos	4,00	5,00	4,50
AND18MAS	De 18 a 24 anos	7,00	9,00	7,50
ASB18MAS	De 18 a 24 anos	6,50	8,50	7,00
AMO18MAS	De 18 a 24 anos	7,50	9,50	8,00
BHS18MAS	De 18 a 24 anos	7,00	9,00	7,50
DAS18FEM	De 18 a 24 anos	6,00	7,50	6,50
SAR18FEM	De 18 a 24 anos	6,50	8,50	7,00
RGW18FEM	De 18 a 24 anos	6,00	7,50	7,00
DAL18FEM	De 18 a 24 anos	5,50	7,00	7,00
NWU18FEM	De 18 a 24 anos	5,50	7,00	6,00
ESM18MAS	De 18 a 24 anos	6,00	8,00	7,00
ELI18MAS	De 18 a 24 anos	6,00	8,00	7,50
EMG18FEM	De 18 a 24 anos	6,00	8,00	7,00
FKR18FEM	De 18 a 24 anos	4,00	5,50	4,50
GZA18MAS	De 18 a 24 anos	6,00	8,00	7,00
IMS18FEM	De 18 a 24 anos	5,50	7,00	6,00
JGA18FEM	De 18 a 24 anos	7,00	9,00	7,50
JSI18FEM	De 18 a 24 anos	6,00	7,50	7,00
MSM18FEM	De 18 a 24 anos	6,50	8,50	7,00
NAS18FEM	De 18 a 24 anos	6,00	8,00	7,00
POP18FEM	De 18 a 24 anos	5,50	7,00	6,00
PFM18FEM	De 18 a 24 anos	2,50	3,00	5,00
VCS18FEM	De 18 a 24 anos	6,00	8,00	7,00
CFG15FEM	De 25 a 30 anos	5,00	6,50	5,50
CHA25MAS	De 25 a 30 anos	3,50	4,50	4,00
DGO15MAS	De 25 a 30 anos	6,00	8,00	7,00
DLP25MAS	De 25 a 30 anos	3,50	4,50	4,00
DMF15MAS	De 25 a 30 anos	7,00	9,00	7,50
FSI25FEM	De 25 a 30 anos	3,50	4,50	4,50
FER25MAS	De 25 a 30 anos	5,50	7,00	6,00
GFG25FEM	De 25 a 30 anos	5,50	7,00	6,00
GBN25FEM	De 25 a 30 anos	7,00	9,00	7,50
KPE25FEM	De 25 a 30 anos	7,00	9,00	7,50
LCS25FEM	De 25 a 30 anos	5,00	6,50	5,50
LPS25FEM	De 25 a 30 anos	6,50	7,00	6,00
MLM25MAS	De 25 a 30 anos	5,50	5,50	4,50
TCR25FEM	De 25 a 30 anos	5,00	6,50	5,50
VAS25FEM	De 25 a 30 anos	5,50	7,00	6,00
VSQ25FEM	De 25 a 30 anos	7,50	9,50	9,50
VBS25FEM	De 25 a 30 anos	7,00	9,00	7,50
VCA25FEM	De 25 a 30 anos	7,50	9,50	8,00
EMR31FEM	De 31 a 40 anos	5,50	7,00	6,00
FCP31FEM	De 31 a 40 anos	6,00	8,00	7,00
JOL31FEM	De 31 a 40 anos	6,00	7,50	6,50
MSI31FEM	De 31 a 40 anos	5,50	7,00	6,00
MLM31MAS	De 31 a 40 anos	4,50	6,00	5,00
ZOL31MAS	De 31 a 40 anos	7,00	9,00	7,50
	MÉDIA GERAL	5,81	7,43	6,47
	VARIAÇÃO (%)		21,18	-12,92

**APÊNDICE B - RELATO DOS ALUNOS SOBRE O USO DOS BLOGS
(05/mai/2013).**

Nº	RELATOS DOS ALUNOS EM 05 MAI. 2013
1	Abrange a matéria e surgem questões para estudos.
2	Estamos conhecendo outro mundo, outras opiniões que podem nos levar a um conhecimento enriquecido.
3	Muitas ideias!
4	A gente é obrigado a ler e a questionar a respeito do texto, assim estamos estudando.
5	Adquirimos muito mais conhecimento.
6	Estudamos com áudio e foto. É mais prazeroso.
7	Preciso praticar mais minha escrita, pois penso muito e não pratico minhas ideias escrevendo.
8	Estamos tendo contato direto aos assuntos abordados em sala – disciplina e professor.
9	É mais fácil entender
10	É importante saber que fora das redes sociais, a internet nos fornece diversos outros conteúdos nos permitindo uma aprendizagem muito grande.
11	O visual + textos (sic), ajudam na compreensão.
12	Estudei pelo blog “Tenho por hipótese” para as provas do 1º semestre. Ele serve como apoio aos estudos.
13	Através do blog, ocorre um ato de estudar de uma forma mais descontraída, facilitando nosso aprendizado.
14	Precisamos ler mais para colaborar com os conteúdos e não ficar sem sentido ou repetitivo
15	Estudo pelas pesquisas antes das postagens. Dessa forma aprendo sobre o tema sem ter a intenção de estudar para a prova, decorar a matéria. Fica mais suave.